



Cássio Lopes

**“NA LEVADA DO REGGAE”
A INFLUÊNCIA DO CONSUMO CULTURAL NA FORMAÇÃO DA
IDENTIDADE JUVENIL**

Santa Maria, RS

2006.

Cássio Lopes

“NA LEVADA DO REGGAE”
A INFLUÊNCIA DO CONSUMO CULTURAL NA FORMAÇÃO DA
IDENTIDADE JUVENIL.

Trabalho Final de Graduação apresentado ao curso de Publicidade e Propaganda – Área de Artes, Letras e Comunicação, do Centro Universitário Franciscano, como requisito parcial para obtenção do grau de publicitário – Bacharel em Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Daniela Pedroso

Santa Maria, RS

2006

Cássio Lopes

**“NA LEVADA DO REGGAE”
A INFLUÊNCIA DO CONSUMO CULTURAL NA FORMAÇÃO DA
IDENTIDADE JUVENIL.**

Trabalho Final de Graduação apresentado ao curso de Publicidade e Propaganda – Área de Artes, Letras e Comunicação, do Centro Universitário Franciscano, como requisito parcial para obtenção do grau de publicitário – Bacharel Em Publicidade e Propaganda.

Daniela Pedroso - Orientadora

Liliane Dutra Brignol

Camila Jacobs

Aprovado em.....de.....de.....

Agradecimentos:

Aos meus pais e familiares, que me deram muita força e apoio durante toda a minha trajetória.

Muito Obrigado!

À Letícia, meu amor, companheira inseparável e presente em todos os momentos que passei durante esses quatro anos de faculdade. Te amo!

Ao Luiz Fernando (Negro) e Maria Cristina (Nina), por todo o carinho e toda força que sempre me concederam.

Aos amigos, Luiza, Marcos, Daniel, Argeu, Diego, João Gabriel e Roberto, que ajudaram de alguma maneira na concretização deste Trabalho Final. Agradeço especialmente à Amanda, pela força conferida até o último instante. Valeu!

À Daniela Pedroso, orientadora que soube entender as minhas motivações e anseios, e me conduziu com sabedoria até o último momento.

Aos entrevistados, pela disposição e por permitir o melhor entendimento da temática da presente Pesquisa.

À todos que contribuíram de algum modo em minha formação pessoal e profissional e que não foram aqui citados.

RESUMO:

Este Trabalho Final de Graduação aborda a influência do consumo da cultura *reggae* na formação da identidade juvenil. A Pesquisa desenvolvida detectou motivações, influências e modos de consumo, bem como, a relação deste consumo junto às identidades de determinados universitários. Foram realizadas entrevistas em profundidade com acadêmicos dos cursos ligados a Área de Artes, Letras e Comunicação do Centro Universitário Franciscano.

Palavras-chave: Estudos Culturais, cultura, consumo cultural, identidade, cultura *reggae*.

ABSTRACT:

This Final Work of Graduation approaches the influence of the consumption of the reggae culture in the formation of the youthful identity. The developed Research detected motivations, influences and ways of consumption, as well as, the relation of this consumption next to the determined identities of university. Interviews in depth had been made with academics of the courses connected with the Area of Arts, Letters and Communication of the Centro Universitário Franciscano.

Key words: Cultural Studies, culture, culture consumption, identity, reggae culture.

SUMÁRIO:

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	7
2.1. ESTUDOS CULTURAIS E OBJETOS DE ESTUDO	
2.1.1 O campo teórico.....	7
2.1.2. Cultura: uma prática social.....	9
2.1.3. Consumo: um processo sociocultural.....	11
2.1.4. Consumo cultural.....	14
2.2. IDENTIDADE	
2.2.1 Definições sobre identidade.....	16
2.2.2. As Culturas juvenis.....	19
2.3. O REGGAE	
2.3.1 O surgimento do Reggae.....	21
2.3.2 A fé Rastafari.....	23
2.3.3 Alguns elementos da cultura reggae.....	24
2.3.4 A internacionalização da cultura reggae.....	26
2.3.5 A trajetória do rei do reggae.....	27
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	30
3.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA.....	30
3.2 COLETA DE DADOS.....	31
3.2.1 Documentação.....	31
3.2.2 Entrevista em profundidade.....	31
3.2.3 Artefatos físicos.....	32
3.2.4 Universo e amostra.....	32
3.3 ANÁLISE DOS DADOS.....	32
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45
ANEXOS – Pré-roteiro de Entrevista.....	47

1. INTRODUÇÃO

Este Trabalho Final de Graduação tem como título “Na levada do reggae: a influência do consumo cultural na formação da identidade juvenil” e aborda a questão de como o consumo da cultura reggae, por parte dos jovens universitários, contribui para definir os traços das suas identidades.

A partir de um questionamento pessoal acerca do consumo da cultura *reggae* por determinados universitários, foi despertado o interesse em ampliar os conhecimentos em torno dessa temática, relacionando-a ao campo da Comunicação Social por meio do estudo de caso, o que poderá ser observado neste Estudo.

A escolha do tema a ser explorado aqui ocorreu devido à percepção de uma realidade que foi observada no âmbito diário em que vivem e se relacionam os jovens. Tal percepção resultou em algumas questões pessoais que não continham resposta e eram relacionadas a esse consumo.

Na atualidade, as temáticas ligadas ao consumo e à identidade buscam ser compreendidas, para que as diferentes questões, que envolvem a vivência dos indivíduos na sociedade, sejam entendidas. Com base nesta percepção, foi realizada uma pesquisa bibliográfica acerca de alguns temas que se conectam à proposta deste Trabalho.

Em um primeiro momento, foi escolhida, dentre as linhas teóricas, a vertente dos Estudos Culturais, pois melhor se enquadrava às investigações desta Pesquisa. Para isso, os conceitos de cultura e de consumo foram abordados, junto às temáticas ligadas à identidade e à cultura *reggae*.

Na segunda fase do processo de construção deste Trabalho, partiu-se para o estudo de caso, em que foi utilizada a entrevista em profundidade como ferramenta metodológica. As entrevistas realizadas para a presente Pesquisa buscaram entender o porquê do interesse e as motivações do consumo da cultura *reggae* entre jovens universitários, além de responder algumas questões, como: de que modo ocorre o consumo da cultura *reggae*? Por que os elementos da cultura criada em torno do *reggae*, que surgiu numa época e contexto diferente do que os jovens vivem, são apropriados e consumidos atualmente? E, principalmente, procura perceber se o consumo desta cultura exerce influência na formação da identidade dos jovens entrevistados. Assim, as opiniões dos entrevistados serão confrontadas com o objetivo de responder os questionamentos levantados nesse Estudo.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA:

2.1 ESTUDOS CULTURAIS:

2.1.1 O Campo Teórico

Os Estudos Culturais é uma vertente teórica relativamente atual e tem sua origem na década de 50, com a fundação do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade de Birmingham, na Inglaterra. Entre os principais teóricos estavam Raymond Williams, Richard Hoggart e E. P. Thompson, que concebiam o estudo da cultura, não somente como um campo simbólico de dominação, e sim, como um espaço de lutas entre culturas, de produção e reprodução social, bem como, do entendimento da cultura como uma forma subjetiva.

Ex-diretor do *Center for Contemporary Studies*, Richard Johnson (2004, p.25), afirma que os “Estudos Culturais dizem respeito às formas subjetivas pelas quais nós vivemos, ou ainda, ao lado subjetivo das relações sociais”.

Esse reconhecimento dos Estudos Culturais como um campo teórico subjetivo, remete tal conceito a aspectos que estão ligados às formas e vivências dos indivíduos e, por isso, assume um caráter de complexidade elevado; pois faz parte de uma linha de estudo que, segundo JOHNSON (2004, p. 29), preocupa-se:

Com sociedades inteiras (ou formações sociais mais amplas) e como elas se movimentam. Nosso projeto é o de abstrair, descrever e reconstruir em estudos concretos, as formas através dos quais os seres humanos “vivem”, tornam-se conscientes e se sustentam subjetivamente.

Este mesmo autor cita alguns exemplos de formas subjetivas pelas quais os indivíduos se apropriam e que podem ilustrar o que foi colocado acima, como a linguagem, as ideologias, os discursos, os mitos, entre outros.

No que diz respeito, especificamente, aos objetos de estudo, os Estudos Culturais preocuparam-se, inicialmente, com os “produtos” da cultura popular e com os meios de comunicação de massa; que demonstravam as direções culturais do mundo contemporâneo. Mais tarde, foi evidenciada uma inquietação relativa aos temas que conectavam cultura, significação, identidade e poder.

Tais temáticas inserem a cultura como fundamental aspecto e reflexo das sociedades, bem como, inerente à vida dos diversos grupos sociais que a compõem, visto que, a colocam como parte da vivência, das relações, expressões e diferenças de tais grupos.

JOHNSON (2004, p.13) especifica o exposto quando afirma que:

Os processos culturais, estão intimamente vinculados com as relações e as formações de classe, com as divisões sexuais, com a estruturação racial das relações sociais e com as opressões de idade (....) a cultura envolve poder, contribuindo para produzir assimetrias nas capacidades dos indivíduos e dos grupos sociais para definir e satisfazer suas necessidades” (...) a cultura não é um campo autônomo nem externamente determinado, mas um local de diferenças e de lutas sociais.

Como pôde ser verificado, o campo de atuação da linha teórica que compõe os Estudos Culturais (E.C.) é abrangente. Não somente pelos temas que formam os seus objetos de estudo, mas também pelo fato de ter-se difundido da Europa para outros continentes, como a América; onde assumiu características e temáticas próprias, relacionadas à realidade de cada região. Deste modo, a teórica Ana Carolina Escosteguy (2004, p.136) aponta que os E.C. “ressaltaram os nexos existentes entre a investigação e as formações sociais onde aquela se desenvolve, isto é, o contexto cultural onde nos encontramos”.

ESCOSTEGUY (2004, p. 147) explica o seu entendimento sobre três aspectos dos produtos da cultura: o que pretendem, o modo como atuam, e a relação que assumem junto aos meios de comunicação de massa, na medida em que considera esses produtos

como agentes da reprodução social, acentuando sua natureza complexa, dinâmica e ativa na construção da hegemonia. Nesta perspectiva, são estudadas as estruturas e os processos através dos quais os meios de comunicação de massa sustentam e reproduzem a estabilidade social e cultural. Entretanto, isto não se produz de forma mecânica, senão se adaptando continuamente às pressões e às contradições que emergem da sociedade, e englobando-as e integrando-as no próprio sistema cultural.

Além disso, vale dizer que os Estudos Culturais podem seguir três modelos principais de pesquisa, que consistem, basicamente, nos estudos baseados na **produção**, nos estudos baseados no **texto** e nos estudos baseados nas **culturas vividas**. (JOHNSON, 2004, p.104)

É importante salientar que tais modelos elucidam a cultura como um processo, a partir da especificação de fases pelas quais ela passa. Essa é uma forma de descentralizar a pesquisa dos processos culturais, na medida em que considera cada uma dessas três abordagens separadamente. Contudo, essa divisão, pode tornar a pesquisa “inadequada e até mesmo ideológica como uma descrição do todo”. (JOHNSON, 2004, p. 104)

JOHNSON (2004, p. 105) entende os três modelos apontados da seguinte forma:

(...) os estudos baseados na **produção** implicam uma luta para controlar ou transformar os mais poderosos meios de produção cultural ou para desenvolver meios alternativos pelos quais estratégias contra-hegemônicas poderiam ser buscadas (...) os estudos baseados no **texto**, ao se focalizarem nas formas dos produtos culturais têm, em geral, se preocupado com as possibilidades de uma prática cultural transformativa (...) a pesquisa das **culturas vividas** ou **estudos de leitura**, tem estado estritamente associada com uma política de “representação”, apoiando as formas vividas dos grupos sociais subordinados e criticando as formas públicas dominantes à luz de sabedorias ocultas.

Devido à abrangência destes processos que englobam a cultura, é relevante destacar que os E.C. compreendem um novo campo teórico que “reflete a insatisfação com os limites de algumas disciplinas, propondo, então, a interdisciplinaridade”. (JOHNSON, 2004, p. 137) Stuart Hall (*apud* JOHNSON, 2004, p. 137) entende tal questão de forma similar, visto que, a considera “uma área onde diferentes disciplinas interagem, visando o estudo dos aspectos culturais na sociedade”.

Na medida em que os Estudos Culturais centram fundamentalmente suas atenções nos processos e mecanismos que se conectam a cultura, bem como, no contexto em que ela atua, faz-se necessário incluir e aprofundar o sentido da mesma nesse contexto.

2.1.2 Cultura: uma prática social

O termo cultura é visto de diferentes formas. Pode-se dizer que há distintos entendimentos e significados que o conceituam sob vertentes antropológicas, sociológicas, entre outras. Para que o sentido de cultura seja mais bem compreendido e aprofundado, esta Pesquisa apresentará conceitos que seguem a linha dos Estudos Culturais, dando ênfase ao conceito utilizado por Jesús Martín-Barbero.

ESCOSTEGUY (2004, p.138) coloca que, para Williams e Thompson, “a cultura era uma rede de práticas e relações que constituíam a vida cotidiana dentro da qual o papel do indivíduo estava em primeiro plano”. No entanto, a autora salienta a resistência de Thompson no entendimento da cultura simplesmente como uma forma de vida global, sendo que ele preferia entendê-la como uma luta entre modos de vida diferentes.

Para Martín-Barbero (2003, p. 13), o termo cultura é percebido de formas distintas, na medida em que, a “antropologia tinha a seu encargo as culturas primitivas e a sociologia se encarregava das modernas”, o que implicava duas idéias opostas:

Para os *antropólogos*, cultura é tudo, pois no magma primordial em que habitavam os primitivos cultura é tanto o machado quanto o mito, a oca e as relações de parentesco, o repertório das plantas medicinais, ou danças rituais; para os *sociólogos*, cultura é somente um tipo especializado de atividades e objetos, de práticas e produtos pertencentes ao cânone das artes e das letras. (BARBERO, 2003, p.13)

A partir desses modos de entender o sentido do termo cultura, nota-se que o conceito abordado por Barbero, referente ao prisma sociológico, é diferente do antropológico, justamente por não considerar o termo como toda a gama de manifestações condizentes à vivência dos indivíduos em sociedade.

No entanto, mesmo dentro da sociologia, pode-se visualizar o entendimento da cultura de uma forma não tão específica e mais abrangente, pois atribui-se a cultura, tanto aspectos ligados aos costumes, valores e hábitos adquiridos pelos indivíduos, como também, ao conjunto de utensílios, objetos e tecnologia produzida em uma determinada sociedade.

Além disso, BARBERO (2003, p.13) coloca em discussão outro aspecto referente aos conceitos apresentados, uma vez que se percebe que o modo, como sociólogos e antropólogos vêem a cultura, assume um novo caráter. Tal afirmação é reiterada quando é afirmado:

na tardomodernidade em que hoje vivemos a separação que instaurava aquela dupla idéia de cultura é, de um lado, obscurecida pelo movimento crescente de especialização comunicativa do cultural, agora organizado em um sistema de máquinas produtoras de bens simbólicos ajustados a seus “públicos consumidores”.

Pierre Bourdieu (2002) afirma que os bens simbólicos são tão importantes quanto os bens materiais, uma vez que o sociólogo avalia o termo como uma forma dos indivíduos trocarem significados a partir dos produtos culturais e das relações sociais.

A prática que situa a cultura em um sistema de máquinas que produz bens simbólicos, somente reitera o amplo sentido que lhe é referido. Também se entende, a partir do exposto, que há uma tendência em dividir o termo cultura em diferentes fragmentos, que juntos compõe o dito sistema produtor de bens simbólicos. Tal sistema engloba “toda a vida social que antropologizada, torna-se cultura” (BARBERO, 2003, p.14). Este autor cita alguns exemplos desse sistema, como o que a escola faz hoje com os alunos, a televisão com as suas audiências, a imprensa com seus leitores ou a igreja com seus fiéis¹, e compreende este assunto do seguinte modo:

¹ Caso semelhante àquilo que ocorreu com o desenvolvimento da religião *Rastafari* na Jamaica e que utilizou o *reggae* como forma de expressão (mais especificado no capítulo 2.3)

Como se a máquina da racionalização modernizadora – que separa e especializa - impossível de ser detida, estivesse girando, patinando, em círculos, a cultura escapa a toda compartimentalização, irrigando a vida social por inteiro. Hoje são sujeito/ objeto de cultura tanto a arte quanto a saúde, o trabalho ou a violência, e há também a cultura política, do narcotráfico, cultura organizacional, urbana, juvenil (...) (BARBERO, 2003, p.14).

A extensa gama de sujeitos, objetos e os significados referentes à cultura demonstram o quão complicado é definir, com exatidão, o termo, sendo que ele é modificado, adaptado e reinventado em conjunto às mudanças sociais e ao contexto de cada civilização.

Ainda assim, as diferentes considerações apresentadas não determinam a cultura como equivalente a um termo sem sentido. Neste estudo ela será considerada uma prática social, pois nota-se, nos conceitos expostos, que o termo é ponderado como parte da vivência dos indivíduos em sociedade, como forma de manifestar aquilo que trazem como bagagem intelectual, o que representam no contexto em que vivem, e também, aquilo que os define enquanto sujeitos no mundo.

Portanto, essa perspectiva aponta que o significado do termo cultura passa da condição de prática meramente “textual”, para ser considerada uma “prática vivida”, ou seja, produtora de sentidos. Essa prática insere o indivíduo como membro de uma determinada sociedade e está relacionada diretamente ao seu contexto. Desse modo, a cultura pode ser percebida como um reflexo das diferentes práticas que são incorporadas e/ou consumidas diariamente pelos grupos sociais.

2.1.3 Consumo: um processo sociocultural

Inserir a temática do consumo para a presente Pesquisa torna-se relevante, na medida em que o consumo, de maneira semelhante ao que ocorre com a cultura, está presente nas práticas vividas dos indivíduos, os representa e contribui para defini-los na sociedade. Para Adam Smith (apud FEATHERSTONE, 1995, p. 36), o consumo é “o único objetivo final de toda a produção”. De modo geral, pode-se dizer que ele está presente na sociedade contemporânea nas diferentes camadas sociais e pode ser visto como um processo que se “materializa” com a aquisição de um ou mais bens.

Tais bens podem ser classificados como **duráveis** (ex: eletrodomésticos, CD’s, ou seja, bens tangíveis que se esgotam após um longo período); **não duráveis** (ex: alimentos em

geral, que equivalem aos bens tangíveis que se esgotam após um curto período); e **serviços** (ex: seguradoras e assistências técnicas, que se caracterizam como bens intangíveis).

Pode-se notar, com tantos tipos de bens existentes atualmente, o poder de uma vasta produção, que é desenvolvida e difundida a todo o momento, com o objetivo de atingir mercados consumidores em potencial e com a finalidade de suprir necessidades e desejos de diferentes níveis.

Sendo assim, o consumo acaba sendo uma forma de suprir, tanto necessidades primárias (ou de sobrevivência), como também necessidades secundárias. Acerca deste campo, diversos estudos foram realizados a fim de explicar o contexto em que estavam inseridos os consumidores e o comportamento motivacional para as suas ações. Exemplo da proposição de Maslow – que desenvolveu a teoria da hierarquia das necessidades (KOTLER, 1998), o qual aponta que o indivíduo não sente exclusivamente necessidades financeiras e fisiológicas. Segundo a teoria citada, as necessidades humanas estão organizadas e dispostas em níveis, numa hierarquia de importância e de influência, que pode ser melhor entendida pela sua conhecida pirâmide, que na base apresenta as necessidades básicas ou necessidades fisiológicas e na seqüência acima, respectivamente, as necessidades de segurança, necessidades sociais, de status e estima e, finalmente no topo, aquelas relacionadas à auto-realização.

Deve-se lembrar, contudo, o fato de que o sistema capitalista, muitas vezes, cria ou atribui padrões que acabam se tornando necessidades, sendo que atua em torno de questões existenciais e comportamentais humanas para criar tais paradigmas. Com isso, muitas vezes as necessidades se tornam unicamente uma forma de fortalecer o sistema regente, na medida em que elas são impostas e vistas como uma forma de colocar as pessoas como agentes impulsionadores da economia.

Para Nestor Garcia Canclini (2001, p.77), o consumo é compreendido

(...) sobretudo pela sua *racionalidade econômica*. Estudos de diversas correntes consideram o consumo como um momento do ciclo de produção e reprodução social: é o lugar em que se completa o processo iniciado com a geração de produtos, onde se realiza a expansão do capital e se reproduz a força de trabalho. Sob este enfoque, não são as necessidades ou os gostos individuais que determinam o que, como e quem consome.

O sistema capitalista necessita que a economia siga estável em seus diversos setores e que o seu capital gire em torno do consumo, para que, dessa forma, se criem novos produtos e força de trabalho. Nesse caso, pode-se dizer que esse sistema faz com que as diversas necessidades dos grupos sociais sejam arquitetadas sob o ponto de vista da lucratividade.

Ao desenvolver certos bens, destinando-os a grupos sociais, busca-se ocupar um espaço social e psicológico na mente dos indivíduos. Os bens voltam-se para determinados nichos de mercado e buscam ocupar essa posição através de estratégias mercadológicas.

Diversas ferramentas são utilizadas para atingir este objetivo. A publicidade, nesse ponto, assume um papel crucial, pois utiliza diversos mecanismos, como a sedução e a manipulação para despertar desejos. Através dos meios de comunicação de massa, esses desejos são difundidos junto a diversos conceitos, padrões estéticos e de comportamento, que são transmitidos por múltiplos modelos que buscam uma identificação do produto junto a públicos-alvos.

Em torno dessa questão, FEATHERSTONE (1995, p. 41) pontua:

O simbolismo é empregado conscientemente na elaboração e no imaginário ligado aos bens, no que se refere aos processos de produção e de marketing, e os consumidores recorrem a associações simbólicas, quando usam os bens para construir modelos diferenciados de estilo de vida.

Seguindo esse raciocínio, pode-se avaliar o consumo como uma ferramenta que está incorporada ao capitalismo e assume um valor que pode ser considerado inerente ao estilo de vida que rege o cotidiano das pessoas, pois faz parte das relações diárias e existenciais das mesmas.

O consumo, de um modo geral, pode ser entendido como um “conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e usos de produtos” (CANCLINI, 2001, p.77), que atua como um meio de distinguir socialmente e valorizar determinados grupos, indo ao encontro da afirmação de FEATHERSTONE (1995, p. 40):

Os bens são usados para delimitar fronteiras entre os grupos, para criar e demarcar diferenças ou o que existe de comum entre os grupos de pessoas (...), por exemplo, enquanto em todas as culturas a propriedade de algo que satisfaça as necessidades econômicas do homem é simbólica, os bens são duplamente simbólicos nas sociedades ocidentais.

Afinal, os consumidores fazem as escolhas por um ou outro bem, de acordo com o contexto em que estão inseridos. Através dessas escolhas, eles realmente se situam, pois levam consigo o “status” e as características intrínsecas daquilo que estão consumindo, seja um produto, uma experiência ou o próprio simbolismo agregado ao consumo de determinados bens.

2.1.4 Consumo cultural:

Diante das classificações feitas em torno de bens duráveis, não duráveis e dos serviços, faz-se necessário nesse momento, fazer referência novamente aos bens simbólicos; que também são provenientes do consumo da cultura. Os bens simbólicos subjetivos, não constituem necessariamente algo material e são decorrentes, em certas ocasiões, do consumo dos próprios bens enquadrados nas classificações acima (bens duráveis, não duráveis e serviços). Os bens simbólicos, afinal, representam o poder de significação que lhes são atribuídos. Por exemplo, na preferência pelo CD de um determinado gênero musical – o CD, propriamente, pode ser definido como um bem durável, entretanto, ele carrega uma carga simbólica que está vinculada ao seu conteúdo musical, e que certamente possui características e aspectos ligados a certa cultura².

Para CANCLINI (2001), todas as mensagens transmitidas são percorridas de forma livre por todo o campo social e assumem significados na mente dos consumidores, que por sua vez, fazem as avaliações e interpretações necessárias, criando uma imagem para determinado bem. Assim, pode-se afirmar que o consumo dos diferentes bens, carrega, em sua estrutura, um conjunto de símbolos que são difundidos pelos meios de comunicação de massa e interpretados através dos significados atribuídos pelos públicos-alvos. A “aquisição”, propriamente dita, é a forma de materializar o processo de consumo e ocorre, conforme colocado anteriormente, pela necessidade dos indivíduos de sobreviverem, inserirem-se e valorizarem-se na sociedade.

Contudo, deve-se levar em consideração, nos processos de consumo dos bens simbólicos, o meio onde estão inseridos os consumidores. Todo o conjunto de “instituições” que compõe o local das vivências humanas, como a cidade, o bairro, a família, a escola, os amigos, o ambiente de trabalho, entre outros, influenciam no momento de escolha entre um produto ou outro, na atividade cultural X ou Y, por exemplo.

A classe social, o poder aquisitivo e todos esses aspectos conectados ao contexto dos indivíduos também fazem com que eles situem-se na realidade em que vivem para depois adquirirem os bens simbólicos. O consumo, portanto, atua como um meio de regular e afirmar a qual grupo social se pertence.

Torna-se importante, nesse argumento, designar o consumo da cultura como elemento mediador da sociedade contemporânea, pois “sociedade alguma jamais foi saturada com

² Nesta pesquisa, a cultura *reggae*.

signos e mensagens como esta (...) a onipresença da imagem, no capitalismo do consumo [significa que] as prioridades do real tornam-se revertidas e tudo é mediado pela cultura” (FEATHERSTONE, 1995, p. 37).

Assim, é importante ponderar o consumo da cultura como um modo característico de consumo, e estreitamente ligado à apropriação de idéias, valores, práticas e produtos de determinadas culturas. É a partir do consumo cultural de certo grupo que podem-se detectar características que assinalam e dissecam a sua essência. Para BOURDIEU (*apud* FEATHERSTONE, 1995, p. 42):

determinadas constelações de gosto, preferências quanto ao consumo e práticas de estilo de vidas, são associadas com ocupações específicas e frações de classe, tornando possível mapear o universo do gosto e os estilos de vida com todas suas oposições estruturadas e suas distinções finamente nuançadas.

Exemplo disso é o resultado de estudos que CANCLINI (2001) desenvolveu em alguns povos indígenas do México, que demonstraram a falta de interesse de setores populares por exposições de arte, teatro ou cinema experimentais. O desinteresse não se devia apenas ao reduzido poder aquisitivo disponível para apreciar estas mensagens, mas também à fidelidade junto aos grupos sociais em que estavam inseridos que, por sua vez, possuíam hábitos e preferências de consumo relacionadas a produtos culturais populares.

Este fato demonstra e reforça a idéia de que o consumo da cultura serve como parâmetro para entender profundamente o modo de vida dos grupos sociais. Ao mesmo tempo, é possível entendê-lo como:

uma expressão que engloba a recepção dos meios de comunicação de massa e o processo de redefinição do senso de pertença e identidade, organizado no conflito entre lealdades locais ou nacionais e a participação em comunidades transnacionais ou desrritorializadas. (RONSINI et al, 2004, p.10).

Portanto, pode-se dizer que o consumo cultural, junto à influência dos meios de comunicação de massa, torna-se um processo que conecta as pessoas ao mundo por meio do consumo de bens simbólicos - que podem ter origem nacional ou internacional.

Na sociedade contemporânea, as trocas e apropriações culturais são comuns de serem visualizadas, pois atendem as demandas dos indivíduos com uma variedade de opções, e fazem com que eles possam adaptar e/ou modificar o significado dos bens simbólicos à sua realidade. De modo geral, também vale dizer que as pessoas reconhecem, nos diferentes

significados que são atribuídos ao consumo cultural, uma forma de compor os traços da sua identidade. Essa temática será abordada a seguir.

2.2 IDENTIDADE

2.2.1. Definições sobre identidade

O tema identidade vem sendo discutido, principalmente, por autores ligados à vertente teórica dos Estudos Culturais, o que se torna fundamental, na medida em que aprofunda esta temática, que é centro das discussões acerca do cenário contemporâneo e contribui para o melhor entendimento dos seus diferentes aspectos.

A identidade diz respeito ao processo de como os indivíduos se apropriam de sistemas simbólicos, a fim de inserirem-se como sujeitos de certo grupo social, e representar aquilo que são ou gostariam de ser.

Deste modo, percebe-se que a identidade é construída pelo resultado de significações que marcam, tanto a personalidade, como as ações dos indivíduos na sociedade. Ela também pode ser entendida como

o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”(…) (HALL *in* SILVA, 1997, p. 112)

De acordo com Maria Elisabeth Goidanich³ (2002, p.11), baseada nos estudos de Stuart Hall, as ciências sociais e humanas, de um modo geral, tiveram modificações e avanços a partir da segunda metade do século XX. Tais mudanças ocorreram devido a determinadas perspectivas teóricas, entre elas: a leitura do pensamento marxista, desenvolvida por Althusser; a descoberta do inconsciente por Freud; a obra de Saussure em torno da lingüística estrutural; o trabalho de Foucault sobre o poder disciplinar; e os movimentos de classe ocorridos desde a década de 60, por exemplo, o feminismo.

Estes estudos, em conjunto com as transformações das sociedades modernas, fragmentaram o campo cultural e social ligado às etnias, classes, gêneros, entre outros, bem como, as identidades desses indivíduos - ambos, até então, se mantinham estáveis. Nesse âmbito, ocorreu uma consequência primordial ao campo teórico dos Estudos Culturais - a

³ <http://www.comunic.ufsc.br/teses/dissertbeth.pdf>.

descentração do sujeito na sociedade moderna. Esse processo, assim como as constantes mudanças no qual o sujeito passou - e até hoje passa - transformaram definitivamente os velhos paradigmas referentes à vida dos indivíduos e, mais especificamente, os traços das suas identidades.

Além disso, o processo de globalização exerce uma forte influência na construção das identidades, devido às seguidas e rápidas mudanças a que estamos sujeitos. Com a globalização, o mundo se conecta e diferentes culturas interagem umas com as outras de forma nunca vista. Além de uma integração cultural, há uma integração econômica, social e de localidade, que compõe um mercado globalizado de estilos, conceitos e movimentos, que são difundidos, sobretudo, pelos meios de comunicação de massa e que origina episódios diversos, além de formar identidades desvinculadas do tempo e do espaço e que passam a “flutuar livremente” (Hall, 2001).

Com base no que foi colocado, pode-se dizer que a descentralização do sujeito, de todo o seu mundo social e cultural, junto ao processo de globalização, abalaram os remotos e consolidados pontos de construção da identidade cultural, e ainda, os aspectos sócio-culturais que estão ligados ao indivíduo.

Em decorrência deste fato, ocorreu o que atualmente certos autores denominam como crise de identidade. Para Hall (2001), essa crise diz respeito ao fato de que as sólidas identidades, que eram percebidas anteriormente, agora se encontram com fronteiras menos definidas. Este mesmo autor aponta que a identidade

não é tão transparente ou sem problema como pensamos. Ao invés de tomar a identidade por um fato que, uma vez consumado, passa, em seguida a ser representado pelas novas práticas culturais, deveríamos pensá-la, talvez, como uma produção que nunca se completa, que está sempre em processo e é sempre constituída e não externamente à representação. (HALL, 1997, p. 68)

Deste modo, pode-se dizer que a identidade “tornou-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelos quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL *apud* HALL, 2001, p.13). Percebe-se, portanto, que a concepção que considerava a identidade dos indivíduos algo estático e invariável, ou seja, que não se transforma, não é mais ponderada.

Nota-se justamente o oposto, as identidades se modificam juntamente às relações sociais e às constantes alterações a que estamos expostos diariamente. O sujeito torna-se fragmentado e “composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”. (HALL, 2001, p.15).

Visualiza-se a partir do que foi exposto, que a identidade é um aspecto inerente à existência humana e às questões que a norteiam, pois os indivíduos necessitam fazer parte de algo, ou seja, referir-se ao mundo no qual pertencem, dizendo que têm tais preferências ou características, sejam elas psicológicas, físicas, religiosas, musicais, entre outras.

Contudo, é importante colocar que a formação da identidade, tendo como base determinadas características e preferências, é caracterizada essencialmente por um aspecto intrínseco a ela – a diferença. E a diferença, neste caso, representa toda a gama de características que não compõe a identidade e inclusive se opõe a ela.

O fato de a identidade ser construída a partir das diferenças existentes, atua como forma de distinguir as pessoas. A escolha de um conjunto de símbolos por um determinado indivíduo, por exemplo, faz com que ele pertença a um grupo que optou por características de identidade semelhantes – sejam tais características referentes à classe social pertencente ou por outras características. Em decorrência, o sujeito acaba distinguindo, por meio da diferença, a que grupo pertence.

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. (...) “o que somos” significa também dizer” o que não somos”. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora (...) (SILVA, 1997, p. 82).

Isso quer dizer que, além da relação entre identidade e diferença, existe uma evidente troca de poder entre elas, um intuito de hierarquizar, de contestar e de comparar, que são características intrínsecas do ser humano, e que ocorre na analogia citada.

A definição da identidade e a marcação da diferença, como foram colocadas acima, referem-se a “uma marcação simbólica que é o meio pelo qual damos sentido as práticas e as relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído (...)” (WOODWARD, 1997, p. 14).

O campo ligado à representação insere-se nesse contexto, na medida em que os sujeitos conseguem ser definidos em certo grupo social, a partir dos significados atribuídos a determinadas características da identidade. A identidade e a diferença, portanto, “estão estreitamente associadas a sistemas de representação” (SILVA, 1997, p.81).

A representação é entendida por WOODWARD (1997, p. 17) como um processo cultural. Para a autora, tal processo

estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar.

A representação é uma forma de “consolidar” os diversos significados que são atribuídos à identidade. Afinal, são através das escolhas praticadas em determinadas ocasiões do cotidiano das relações sociais, que são expressos e anunciados para o contexto em que se estão inseridos, os aspectos da identidade.

A construção e a definição do tema identidade, a partir das questões explicitadas, engloba outros assuntos que o compõem e são inseparáveis a ela. É o caso dos assuntos referentes à diferença, e, também, à própria representação. Estas temáticas conectam, de um modo geral, a vida do indivíduo no contexto em que ele está inserido e torna-se imprescindível relacioná-los à identidade, sendo que existe uma relação muito próxima entre eles.

2.2.2 As culturas juvenis

A obra “Movimentos Culturais de Juventude”, de Antonio Carlos Brandão e Milton Fernandes Duarte (2004) será utilizada como principal fundamentação para este sub-capítulo.

Nota-se, em um primeiro momento, que as culturas juvenis surgiram a partir de um descontentamento e de um sentimento de transformação social, em relação à situação regente nos EUA. A expansão da economia norte-americana fez com que o país se tornasse o maior expoente do capitalismo durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Juntamente a essa evolução da economia americana, houve um processo de difusão do estilo de vida deste país, que basicamente era voltado ao consumo exagerado dos diversos bens disponíveis, sendo exportados para outros países. Além de bens materiais e produtos culturais, foram difundidos aos países, incluindo o Brasil, que também eram capitalistas, um conjunto de valores culturais e comportamentais internacionalizados que estavam implícitos em tais produtos.

A sociedade mantinha os valores morais atrasados, que acabaram criando uma lacuna, uma insatisfação nos jovens americanos. A partir dos anos 50, percebe-se uma iniciação àquilo que podemos chamar de cultura jovem. Tal fato pôde ser visualizado por meio da produção cultural da época – principalmente musicais e cinematográficas, que começavam a voltar suas atenções justamente à juventude.

Além disso, os meios de comunicação tornaram-se massivos e, como consequência, a produção cultural direcionada aos jovens, contou com o apoio de tais meios para difundi-las. As produções citadas buscavam, por sua vez, atingir o maior número de jovens possível e obter, consequentemente, um aumento significativo no consumo.

Faz-se importante ponderar, acerca do surgimento do *Rock and Roll*, que na década de 50, tornou-se um gênero musical essencial para a consolidação e afirmação da primeira cultura juvenil. Com uma diversidade sonora oriunda da ligação entre a música “negra”, o *rhithm and blues* e a música “branca”, o *contry-and-western*, foi o *rock* o agente central dessa primeira cultura jovem.

Isso ocorreu, principalmente, pelo fato desse gênero musical estar ligado à insatisfação de milhares de jovens - neste caso, norte-americanos -, que viviam sob constante pressão e uma rigidez nas regras que lhes eram conferidas - tanto nas questões familiares, como aquelas ligadas à religião, ao trabalho, à escola, entre outras.

Ainda que a temática musical do *rock* não estivesse ligada às questões políticas da sociedade, ele foi utilizado como forma de fugir à realidade da época e, de algum modo, representar a insatisfação que estava evidente naquela situação. O *rock* gerou uma identificação imediata junto aos jovens por meio das músicas que eram produzidas e pela sua atitude, que demonstrava algo diferente dos padrões hegemônicos daquele tempo.

Em seguida, o *rock* tornou-se conhecido no mundo todo e criou um estilo de vida aos jovens que buscavam um novo modo de viver, ou pelo menos, um jeito alternativo de encarar os valores vigentes. Tal reconhecimento ocorreu, fundamentalmente, devido ao mercado desenvolvido em torno desse gênero musical, que difundiu através dos meios de comunicação, não somente a música, mas toda a cultura criada em torno do *rock*.

A juventude, de um modo geral, começava a demonstrar as características ligadas à sua vivência e à sua época, utilizando justamente os aspectos referentes ao conteúdo dos produtos culturais difundidos, para compor a sua identidade e criar seus estilos de vida.

Nesse ponto, o estilo de vida torna-se uma importante ferramenta, pois ele define o modo como atuam os jovens no contexto em que estão inseridos. Para FEATHERSTONE (1995, p.119):

estilo de vida no âmbito da cultura de consumo contemporânea conota, individualidade, auto expressão e uma consciência de si estilizada. O corpo, as roupas, os discursos, os entretenimentos de lazer, as preferências de bebida e comida, a casa, o carro, a opção de férias de uma pessoa são vistos como indicadores da individualidade do gosto e o senso de estilo do proprietário/consumidor

Pode-se dizer, portanto, que se formaram ao longo dos anos posteriores à cultura *rock*, diversas outras culturas juvenis - como a cultura *reggae*⁴, por exemplo -, que se originaram de momentos específicos da história e que são “consumidas” atualmente de diversos modos e por diferentes motivos.

Tais culturas juvenis foram formadas, sobretudo, em torno dos gêneros musicais vigentes. A música por si só, atuou como meio de manifestar sentimentos, e expressar os anseios de diversas gerações que eram refletidas através das culturas desenvolvidas em torno dos estilos musicais.

Atualmente, e de modo particular, percebe-se que culturas juvenis continuam sendo criadas, se desenvolvendo e se transformando. É construída, em torno dos gêneros musicais, uma carga de símbolos que são apropriados pelos jovens e podem ser notados a partir do seu jeito de pensar, se comportar, vestir, entre outros. É “a partir da criação e do consumo de produtos culturais, que o jovem vem gerando mudanças no comportamento social, introduzindo novas concepções de vida e de valores que tornaram possível à sociedade refletir sobre uma nova realidade histórica.” (BRANDÃO; DUARTE, 2004, p.9)

Para esses autores, mesmo com toda a dose de industrialização e comercialização dos produtos culturais, as culturas juvenis conseguiram colocar em discussão, na sociedade, questões que até então eram escondidas e pouco debatidas, exemplo das temáticas ligadas às drogas, ao sexo, ao racismo, à ecologia e ao pacifismo. Tais características traduziram aos jovens o sentido de pertença ao mundo, compondo os traços da sua identidade, bem como, determinando a que grupo se pertence.

2.3 O REGGAE

2.3.1 O surgimento do *reggae*

O *reggae* é um dos ritmos mais prestigiados entre os países do Terceiro Mundo⁵. A palavra deriva de “*raggedy*”, adjetivo que era utilizado na linguagem diária dos jamaicanos e que significa algo muito desgastado. O sentido atual do termo surgiu em 1968, com a banda “*Toots and the Maytals*”, que lançou a música “*Do the Reggay*”.

Esse estilo musical foi consequência da mistura e experimentação de diversos outros ritmos que o influenciaram, desde a época em que os africanos faziam suas canções, baseadas

⁴ Esta temática será abordada no capítulo seguinte.

⁵ Designa os países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento.

em muita percussão. O ritmo cantado por eles se modificou quando chegaram até a Jamaica⁶, para trabalharem como escravos, e ficou conhecido como *mento*, que foi o primeiro ritmo nato da Jamaica. O *mento* contemplava religião, folclore e a miséria dos negros. CARDOSO (1997, p.18) aponta que o *mento* “desenvolveu-se baseado no ritmo das músicas de trabalho que ajudavam os escravos a sobreviverem através de longas horas de esforço estafante com a picareta”.

Este gênero musical, em conjunto ao *rhythm & blues americano* - ritmo antecessor ao *rock* e fortemente influenciado pelo *jazz* - originou o *ska*, que se caracteriza, basicamente, por uma levada invariável e “nervosa”. O *rock steady*, que passou a existir posteriormente ao *ska*, continha uma batida mais lenta e desacelerada e, além disso, abordava questões referentes à vida nas favelas jamaicanas.

Pode-se dizer que o *reggae* passou a existir a partir da evolução dos três estilos musicais citados: *mento*, *rock steady* e *ska*, com o diferencial de ter a marcação do baixo e bateria mais acentuados. Com isso, formou-se um ritmo mais lento e tranquilo, que assim como o *rock steady*, contemplava canções que traduziam a árdua vida dos negros jamaicanos, excluídos socialmente.

O *reggae*, naquele contexto, atuou como um meio de levar esperança e sugerir transformações no sistema político, que por sua vez, explorava a população negra, que não tinha um meio de se expressar. A música *reggae*, através das suas letras e de modo pacífico, tornou-se um meio de dar voz aos anseios dos jamaicanos.

Em artigo publicado na “Revista Philologus”⁷, Elaine Peixoto Araújo (2004) relata a respeito do surgimento do *reggae* e o modo como foi utilizado pelos jamaicanos. Segundo a autora,

o ritmo nasceu nos chamados “bairros de lata” da Jamaica, bairros da periferia edificadas em barracões de zinco. É através desse dado que se depreende que, desde o seu aparecimento, o *reggae* sempre foi um som do gueto. A magia do *reggae*, talvez, esteja no fato de conseguir mobilizar a população negra, mostrar a insatisfação para com a realidade, a discriminação racial sofrida e criar uma atmosfera de valorização das raízes negras, buscando reverter, assim, a opressão.

Além disso, esse gênero musical serviu como influência para outros estilos musicais como o *rap* e o *hip hop*, bem como, para diversos artistas, entre eles, Eric Clapton, Paul Simon e Sting, que utilizaram a “batida do *reggae*” em suas músicas.

⁶ A Jamaica é uma ilha do Caribe que está localizada na América Central.

⁷ Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos - Ano 10, nº 28 (2004) - Rio de Janeiro: CiFEFil.

BRANDÃO e DUARTE (2004, p. 93), coloca que houve uma conexão entre o *punk* inglês e o *reggae*, na medida em que, “os jovens londrinos da classe operária começaram a se identificar com esse ritmo e a situação de miséria do Terceiro mundo”. Foi então que o *reggae* começou a se popularizar entre outros países.

No Brasil, esse ritmo começou a ser conhecido a partir da década de 70, mas somente foi consolidado nos estados brasileiros no final dos anos 80, com a versão em português que Gilberto Gil gravou da música “*No Woman no Cry*”, de “*Bob Marley & The Wailers*” e pelas composições de Moraes Moreira e Luiz Melodia.

A cidade de São Luiz, no estado do Maranhão, é o maior exemplo da identificação que o *reggae* gerou nos brasileiros, sendo que, foi denominada a “Jamaica Brasileira”. Em São Luiz, o *reggae* é preferência de boa parte da população com pouco poder aquisitivo. De um modo geral, nota-se que a música *reggae* e os elementos ligados a ela, são consumidos de diferentes modos, visto que, o Brasil possui uma grande diversidade cultural entre as suas regiões.

2.3.2 A fé *Rastafari*:

Até a chegada de seus colonizadores em 1494, a Jamaica era uma região cheia de índios. A ilha foi descoberta por Cristóvão Colombo e sofreu uma forte política de exploração, que acarretou na dizimação dos índios locais. Isso fez com que os negros da África, involuntariamente deixassem suas origens para trabalhar como escravos na Jamaica.

Em 1834, ocorreu a abolição da escravidão neste país e, já no início do século passado, movimentos que retratavam a herança africana ganhavam força política, por meio de um pastor jamaicano chamado Marcos Gavey. Foi Gavey o responsável pela fundação da Associação Universal para o Desenvolvimento Negro, que buscava a liberdade daquele povo, bem como protegê-los da dominação branca. O pastor jamaicano, entretanto, ficou conhecido por profetizar que, quando surgisse um Rei Negro na África a redenção estaria próxima e, finalmente, os negros voltariam à África e estariam longe da opressão branca.

Na Etiópia, no ano de 1930, Ras Tafari Makonnen, filho do Rei, havia sido coroado imperador da Etiópia e recebeu o nome de Hailê Selassiê (significa Poder da Trindade), bem como, o título de Rei dos Reis, devido ao fato de Selassiê ter sua descendência decorrente da família de Davi e vir da linhagem de Reis Etíopes oriundos do Rei Salomão.

A profecia de Marcos Gavey se tornara realidade. Com isso, os seguidores do pastor na Jamaica, iniciaram uma nova religião que considerava o Rei Etíope um Deus encarnado, e

que foi intitulada *rastafari*. Mais tarde, a religião se espalharia pelo país e junto a ela, a certeza dos fiéis de que os negros encontrariam a paz eterna no seu local de origem, a África⁸.

Para BRANDÃO e DUARTE (2004, p. 93), o rastafarianismo “tinha por objetivo revitalizar as formas de vida africanas e naturais entre os negros jamaicanos e de todo o mundo.” Tal filosofia possui algumas correntes, pois é vista não somente como uma religião, mas um estilo de vida.

Algumas pessoas possuem diferentes modos de encará-la, no entanto, existem hábitos em comum que são praticados e baseados na interpretação do Velho Testamento, como o fato de não poderem cortar os cabelos, se barbear, comer qualquer tipo de carne, ingerir bebidas alcoólicas e fumar tabaco. A alimentação dos favoráveis ao rastafarianismo, é baseada em alimentos naturais, como frutas e ervas e são usadas roupas coloridas e exóticas. Certas vertentes utilizam a ganja (maconha), que é considerada nessa filosofia, uma forma de encontrar um estado elevado de consciência e purificar a alma.

De um modo geral, pode-se dizer que o movimento *rastafari* se popularizou na década de 70 por meio do *reggae* - principalmente na figura de Bob Marley. O *reggae*, naquele período, representava não somente uma mistura de sons, mas uma forte ferramenta de difusão da filosofia *rastafari*.

É notado, portanto, que os preceitos do rastafarianismo se fundem ao *reggae*, visto que eles têm uma relação muito próxima. A cultura *reggae* é formada, justamente, por essa mistura de elementos musicais e religiosos.

2.3.3 Alguns elementos da cultura *reggae*

2.3.3.1 As cores da bandeira

As cores da Jamaica são o verde o preto e o amarelo. Já a bandeira do *reggae* é formada pelo verde, o amarelo e o vermelho, que são as cores da Etiópia, local de origem do Deus encarando Hailê Selassiê e onde os negros encontrariam a sua redenção.

Cada uma dessas cores possui um significado e são usadas em bandeiras e roupas em diversos países, entre eles, o Brasil. O verde simboliza a natureza e a terra, o vermelho, significa a fé na igreja e o sangue dos negros e o amarelo traduz a riqueza.

⁸ Da mesma forma que os judeus, os negros encontrariam uma vida digna em sua terra natal.

2.3.3.2 A *Cannabis Sativa*⁹

A *Cannabis* é uma planta Herbácea da qual é produzida a maconha. Alguns adeptos do rastafarianismo a utilizam em rituais religiosos. Diferente de alguns países que a utilizam como forma de diversão, a maconha simboliza a limpeza, reflexão e purificação da alma para os *rastafaris*.

A maconha, substância proibida no Brasil em 1938, anteriormente era vendida em farmácias como “cigarros da paz”, pois era receitada para curar insônias e problemas respiratórios. Em 1960, a Organização das Nações Unidas (ONU) vetou o uso em quase todos os países.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, a maconha causa menos dependência do que o álcool e o tabaco. Esse dado incentivou vários movimentos, que tentavam legalizar a substância na década de 80 e 90, não somente para o seu consumo, mas para fins industriais - pois produz fibras e sementes que geram linhas, papéis e óleo combustível - e medicinais - estimulador de apetite, auxiliar contra espasmos musculares e movimentos desordenados. Também é capaz de auxiliar pessoas no tratamento de doenças como Parkinson e esclerose múltipla.

A maconha se popularizou pelo mundo e, mesmo a sua utilização não sendo liberada por muitos países, continua sendo consumida por adeptos ou não ao rastafarianismo. Abaixo estão algumas denominações populares que foram empregadas para identificar a maconha.

Ganja - significa tabaco, erva santa.

Hemp - terminação comumente utilizado em países de origem inglesa e alguns estados brasileiros

Marijuana - termo utilizado nos países da América Central e do Norte.

Erva - empregado em Portugal e em alguns estados brasileiros

Nhero - usado no Brasil para a abreviação de “*maconhero*”

Baseado - utilizado no sudeste e sul do Brasil

Béque - termo utilizado em São Paulo e no Rio Grande do Sul.

⁹ Informações disponíveis no site: http://pt.wikipedia.org/wiki/Cannabis_sativa

2.3.3.3 Os *Dreadlocks*

Os *dreadlocks* ou canudos fortes são os cabelos trançados utilizados, principalmente pelos adeptos ao rastafarianismo ou por aqueles que se identificam com o *reggae*. Os “*dreads*” para os *rastafaris* representam antenas que captam vibrações positivas.

2.3.4 A internacionalização da cultura *reggae*

Duas décadas após o surgimento do *reggae* como um estilo musical, o mundo inteiro conheceu o seu maior representante – Bob Marley. Foi devido à trajetória e o reconhecimento internacional que obteve, principalmente entre os jovens, que ele difundiu o estilo *reggae*, por meio de suas canções, que falavam do contexto jamaicano, de mensagens de amor, religiosas e de paz, de um modo especial.

A música e a atitude de Bob Marley transpuseram barreiras geográficas e culturais, gerando uma forte identificação. Essa afirmação é ponderada pelo ativista social Linton Kwese Johnson¹⁰:

(...) a mensagem de Bob não serve apenas aos países de Terceiro Mundo, onde ele foi o primeiro superstar. Não é apenas aqui, é em todo o lugar. Na Europa, nos Estados Unidos, no Japão, em todo o mundo. E não consigo pensar em outro indivíduo que falasse como ele sobre consciência, coisas que têm a ver com a nossa realidade social, como a gente vive e a qualidade da justiça que obtemos em nossa sociedade.

Com o reconhecimento e a difusão das canções de Bob Marley pelo mundo, foi agregada à sua figura, uma imagem que o representava como um símbolo de liberdade e transformação e, desse modo, os elementos da cultura *reggae* - que estavam incutidos no modo de vida de Bob Marley -, começaram a ser consumidas em diversas partes do mundo.

A antropóloga Gayle McGarrity¹¹ aborda tais questões quando afirma:

(...) ouço o nome de Bob Marley e vejo sua imagem retratada em paredes, posters, muros de comunidades decadentes na periferia, projetada em camisetas, objeto de pinturas e gravuras, em todo o lugar, de Cartagena, na Colômbia, a Zagreb, na Sérvia (antiga Iugoslávia). Ouço seu nome repetido com reverência da Polônia ao Peru, de Cuba a Israel. Ouvi suas canções sendo tocadas quando caiu o Muro de Berlim, quando Israel assinou o acordo de paz com os palestinos, quando um membro do U2 reuniu facções inimigas na Irlanda (...).

¹⁰ <http://paginas.terra.com.br/arte/massivereggae/bobsecXX.htm>

¹¹ <http://paginas.terra.com.br/arte/massivereggae/bobsecXX.htm>.

Com as canções de Bob Marley sendo utilizadas em importantes momentos históricos e as várias formas de representá-lo, tanto em camisetas, *posters* e gravuras, como pela ideologia transmitida pelas músicas, a cultura *reggae* se difundiu e, ao mesmo tempo, criou-se um mercado - fonográfico, de moda, entre outros - em torno dessa cultura.

Nesse sentido, torna-se importante relatar a trajetória de Bob Marley, na medida em que, ele é o maior expoente da música *reggae* e da Jamaica, bem como, o responsável por difundir ao mundo a cultura *reggae*.

2.3.5 A trajetória do rei do *reggae*

Robert Nesta Marley (Bob Marley), nasceu dia 06 de fevereiro de 1945, em Nile Mile; interior rural de St. Ann (Santa Ana), no norte da Jamaica. Filho da camponesa Cedella Malcolm e do militar Norval Marley, aos 5 anos de idade, Bob se mudou com sua mãe para Kingston, onde Cedella acreditava que teriam maiores oportunidades.

Foi em Kingston que Bob despertou um interesse pela música, que poderia lhe conceder a chance de fugir de toda a pobreza e violência em que vivia. Kingston, capital da Jamaica, era conhecida, pelas pessoas que trabalhavam no campo, como “solo dos sonhos”.

No entanto, não havia muitas oportunidades de trabalho, devido ao grande contingente populacional que migrava para este local. A cidade possuía diversas favelas e Bob e sua mãe moravam em uma delas junto à família Livingstone. Trench Town, conhecida como Cidade do Esgoto, foi onde Bob conheceu o amigo Bunny Livingstone, e o local onde puderam experimentar canções e ritmos, especialmente, nas aulas de música que freqüentavam.

Marley era considerado diferente da maioria dos músicos de Kingston, pois tinha uma vivência junto ao campo e conhecia profundamente o tempo, a natureza e tudo o que estava conectado a ela, experiência que a maior parte dos músicos não havia realizado.

Devido à percepção que tinha do contexto em que estava inserido, Bob Marley adquiriu um profundo entendimento das temáticas sociais que o rodeavam e descobriu que conseguia articular suas idéias e receios por meio da música. Foi então que o artista deixou de freqüentar o curso de soldador para se dedicar à música e, principalmente, tentar gravá-la. Em 1962, com 16 anos, gravou a sua primeira composição, “*Jundge Not*”.

No ano seguinte, Bob formou a sua primeira banda, os “*Wailing Wailers*”, que era composta também pelos amigos Bunny Livingstone e Peter Tosh. Além destes, estavam Junior Braithwaite e dois *backing vocals*. A primeira música do grupo, “*Simer Douwn*”, logo atingiu o topo nas rádios da Jamaica.

Bob Marley passara, então, por um período crucial em sua vida. Em fevereiro de 1966, casou-se com Rita Anderson e, em seguida, formou um novo grupo, os “*The Wailers*”, junto a Bunny Livingstone e Peter Tosh. Além do mais, Marley aderiu, naquela época, à filosofia da religião *rastafari* e deixou seus *dreadlocks* crescerem. Em seguida, o rastafarianismo influenciou as composições de Marley, que trouxeram uma forte dose de crítica social e espiritualidade.

Os “*The Wailers*” evoluíram musicalmente com a parceria feita com Lee Perry, que dominava de modo extraordinário as técnicas de gravação em estúdio. Em decorrência foram produzidas algumas das melhores canções da banda, como, “*Soul Rebel*”, *Duppy Conqueror*”, “*400 Years*” e “*Small Axe*”.

No final da década de 60, a banda liderada por Bob Marley fazia grande sucesso no Caribe, mas ainda não tinha reconhecimento em outros países. Em 1972, o empresário Cris Blackwell deu liberdade musical à banda, de uma forma nunca experimentada por eles anteriormente, contratou “*Bob Marley & The Wailers*” através da sua empresa, a Island Records. O álbum “*Catch a Fire*”, lançado pela gravadora, marcou história, por ser o marco do prestígio internacional de Bob Marley. Até então, as bandas de *reggae* só gravavam em coletâneas junto a outras ou em *singles*¹².

No próximo ano (1973), o grupo lançou o disco “*Burnin*”, incluindo as faixas “*Get Up, Stand Up*” e “*I Shot The Sheriff*”, que foi regravada por Eric Clapton, tornando-se um dos maiores *singles* mundiais.

Posteriormente, vieram os álbuns “*Natty Dread*” (1974) – que continha músicas como “*No Woman no Cry*”, “*Rebel Music*” e “*Talkin’ Blues*”; “*Rastaman Vibrations*” (1976) – que compreendia canções como “*War*”, “*Crazy Baldhead*” e já não contava com a participação de Bunny Livingstone e Peter Tosh, que seguiram carreira solo. O grupo liderado por Marley passou a ser denominado “*Bob Marley & The Wailers*”,

Bob começou a ser visto como um profeta que exercia forte influência nas pessoas e, como referência internacional, fez com que os políticos jamaicanos tivessem interesse em utilizá-lo como “massa de manobra” para chegarem ao poder. A situação política da época era alarmante, devido à guerra civil vigente e a forte disputa das facções políticas jamaicanas, que estavam dispostas a fazer tudo para ganhar as eleições.

¹² Singles são as músicas que são lançadas e vendidas individualmente. Eles eram compilados na década de 70 em discos de vinil e divulgavam os artistas da época.

Na noite de 29 de novembro de 1976, ocorreu um tiroteio à casa de Marley, com o intuito de matá-lo. Estavam em casa Bob, sua esposa Rita Marley e o empresário Don Taylor, todos foram feridos. Bob foi baleado, mas sobreviveu. Era visto, naquele contexto, que a tentativa de assassinato tinha sido ordenada por uma das facções políticas jamaicanas. Bob Marley havia se tornado uma ameaça, sendo que, ambos partidos políticos não sabiam quem ele iria apoiar. Afinal, a sua representação política seria decisiva naquelas eleições.

Nessa época, existia somente um canal de televisão na Jamaica e a realidade era que poucas pessoas tinham acesso a esse meio de comunicação, bem como ao jornal. Já o rádio, era um meio de comunicação mais popular e serviu como um canal de ligação para que a população captasse, principalmente, por meio da música, as mensagens e questões políticas que Bob Marley difundia.

Bob se mudou para Londres em seguida, onde gravou o LP *“Exodus”*, que ficou em primeiro lugar nas rádios inglesas durante 56 semanas e foi considerado pela Revista norte-americana *“Time”* como o melhor álbum do século. Entre os sucessos estavam as canções *“Waiting In Vain”*, *“Exodus”* e *“Jammin”*. Em 1978, Bob Marley lançou o álbum *“Kaya”*, que contava com os *singles* *“Satisfy My Soul”* e *“Is This Love”*. A essa altura, o trabalho de Bob Marley estava consolidado em todos continentes e o músico havia se tornado um dos maiores artistas do século XX.

As composições e melodias deste músico eram um meio de transmitir parábolas e mensagens de fé, de paz e de aviso, conscientizando as pessoas oprimidas, dos males, alegrias e sonhos da humanidade. Marley não fazia distinção entre as pessoas, que para ele, representavam uma irmandade.

No final da década de 70 e início da década de 80, ocorreram fatos que marcaram a vida de Bob: o show *“One Love Peace Concert”*, onde Marley pediu que o Primeiro-Ministro, Michael Manley, e o líder da oposição, Edward Seaga, dessem as mãos no palco. Além disso, Marley foi convidado a ir à sede das Nações Unidas para receber a Medalha da Paz e em abril de 1980, o grupo foi convidado pelo governo do recém libertado Zimbabwe para tocar na cerimônia de independência da nova nação.

Foi com as marcantes músicas *“Redemption Song”*, *“Could You Be Loved”*, *“Coming In From The Cold”* e *“Work”* que Bob Marley lançou seu último álbum com os *“Wailers”* – *“Uprising”*. O percurso de Bob Marley chegava ao fim. Este músico já havia feito turnês em outros continentes e estava realizando sua maior turnê pela Europa. Foi em Milão, na Itália, onde ele e sua banda atraíram um público de mais de 100 mil pessoas, no maior show de sua trajetória.

Quando Bob Marley voltou para os Estados Unidos para realizar alguns shows, já apresentava os sintomas do câncer que havia desenvolvido há três anos. Há rumores de que o artista havia machucado o dedo do pé em uma partida de futebol e que o ferimento causou a doença. Bob Marley tentou conter a doença em uma clínica alternativa, fazendo um tratamento à base de remédios naturais e não tóxicos, mas não conseguiu combatê-la. No dia 11 de maio de 1981, com apenas 36 anos, Robert Nesta Marley faleceu e o seu corpo foi levado a Nile Mile, local onde ele nasceu.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

A pesquisa, segundo Gil (2002, p.17), pode ser definida como “um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos quando não se dispõe de informações suficientes para responder esses problemas de pesquisa”.

A fim de obter respostas e informações satisfatórias para atingir os objetivos sugeridos, foi utilizado na presente Pesquisa, o método de estudo de caso¹³, que tem como características empregar uma reunião de procedimentos técnicos e teóricos, desenvolvidos na esfera das metodologias qualitativas¹⁴, assim sistematizados:

3.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

A pesquisa bibliográfica foi utilizada a fim de aprofundar os assuntos relacionados ao campo dos Estudos Culturais - vertente teórica que foi a base para a fundamentação desta Pesquisa, bem como, dos assuntos relacionados ao objeto deste estudo, como, cultura, consumo, identidade, o *reggae*, entre outros.

STUMPF (*in* DUARTE; BARROS, 2005, p.51) considera a pesquisa bibliográfica como:

(...) o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto,

¹³ Para Yin apud Yukiko (2005), “estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde as múltiplas fontes de evidência são utilizadas”.

¹⁴ Para Minayo (1993), o método qualitativo “permite desvelar processos sociais pouco elucidados, reconhecer grupos específicos, inquietações sociais complexas, universos simbólicos do comportamento humano, permeados por sentimentos, crenças, atitudes, valores, emoções, percepções e sentidos”.

até a apresentação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda a literatura que o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores (...).

3.2 COLETA DE DADOS

Para YUKIKO (*in* DUARTE; BARROS, 2005), o estudo de caso utiliza para a coleta de evidências, principalmente, fontes de dados como: documentos, registros em arquivo, entrevistas e evidências físicas.

3.2.1 Documentação:

A coleta de informações foi utilizada através de recortes de jornais, artigos publicados na mídia, páginas e comunidades da internet e vídeos documentários, a fim de obter dados acerca do tema em análise.

3.2.2 Entrevista em profundidade:

Para Jorge Duarte (2005), a entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca recolher respostas e informações que se deseja conhecer. Para ele, os dados nesse tipo de entrevista não são apenas colhidos, como também, resultado de interpretação e reconstrução por parte do pesquisador.

Este mesmo autor, afirma que a entrevista em profundidade

não busca dar tratamento estatístico às informações, definir a amplitude ou quantidade de um fenômeno. Não se busca, por exemplo, saber *quantas* ou qual a *proporção* de pessoas que identifica determinado atributo (...) objetiva-se saber *como* ela é percebida pelo conjunto de entrevistados (...) como nos estudos qualitativos em geral, o objetivo está mais relacionado à aprendizagem por meio da identificação da riqueza e diversidade, pela integração das informações e síntese das descobertas, do que o estabelecimento de conclusões precisas e definitivas

As entrevistas foram realizadas nas residências dos jovens e/ou em locais que não fossem as salas de aula, para que os entrevistados tivessem maior comodidade e tranquilidade na hora de responder às perguntas feitas. Foi desenvolvido um pré-roteiro de perguntas com o intuito de obter dados acerca do tema em análise, por exemplo, os hábitos, a afinidade dos entrevistados junto os elementos ligados a cultura *reggae*, os modos de consumo, as razões

pelos quais eles se identificam com essa cultura e a influência do consumo na formação da identidade desses jovens.

3.2.3 Artefatos físicos:

YUKIKO (*in* DUARTE; BARROS, 2005) considera os artefatos físicos ou culturais, como “fontes de evidências que podem ser coletadas ou observadas como parte dos estudos de caso”. Na Pesquisa, este procedimento foi empregado para detectar alguns bens simbólicos que englobam e se conectam a cultura *reggae*.

3.2.4 Universo e amostra:

Na Pesquisa realizada, foram feitas nove entrevistas em profundidade com universitários dos cursos da Área de Artes, Letras e Comunicação do Centro Universitário Franciscano – Arquitetura e Urbanismo, Letras - habilitação Inglês, Design, Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Turismo. A preferência por entrevistados do Centro Universitário Franciscano, ocorreu por uma questão de operacionalização da Pesquisa, bem como, a partir do intuito em delimitar um público que estivesse inserido em um mesmo contexto. Os jovens têm idade entre 18 e 28 anos, sendo que oito deles são do sexo masculino e uma do sexo feminino. Optou-se por preservar o sobrenome dos alunos selecionados.

A amostra da Pesquisa foi delimitada de forma não probabilística e por conveniência, abrangendo universitários que consideraram ter algum contato e/ou ter consumido a cultura *reggae*. Pretendeu-se assim, além de obter informações, identificar pessoas que tivessem certa relação com o tema deste estudo. É importante salientar que não havia um conhecimento do grau de interesse e consumo da cultura *reggae*, dos universitários entrevistados.

3.3 ANÁLISE DOS DADOS

De um modo geral, houve uma diversidade nas respostas obtidas, assim como nas maneiras de consumir a cultura *reggae*. Em relação às rotinas diárias, foi percebido entre os entrevistados, que os estudos e atividades ligadas à universidade determinam o tempo e a disponibilidade para outras ocupações. A universidade é prioridade, visto que os entrevistados organizam as demais atividades em função dos horários que lhes restam. Isso demonstra a importância dada aos estudos, até porque a maior parte dos entrevistados somente estuda, com

algumas exceções, que aliam as atividades acadêmicas à prática, fazendo estágios. Essas questões podem ser melhor compreendidas quando Renata, 23 anos, estudante do 6º semestre de Design, coloca:

O meu dia começa, na Unifra, às 13:30h e vai até às 17:00h. Depois chego em casa, tenho que fazer trabalho e desenhar. Eu tenho insônia, fico no computador, escutando música, fazendo trabalho até às 6:00h da manhã. Às vezes, a gente vira a madrugada fazendo trabalho, nem durmo. E aí, depois durmo até o meio-dia, almoço e venho pra Unifra. Daí começa tudo de novo. No final de semana, geralmente, eu saio.

Em relação às atividades realizadas no final de semana, notou-se, entre a maioria dos entrevistados, um destaque para àquelas desempenhadas junto aos amigos e/ou namorada (o)s, preferencialmente em locais ditos alternativos (bares e boates) ou em festas e jantares nas residências destes amigos. De um modo geral, não há grande interesse em freqüentar as boates rotuladas de “tradicionais” da cidade, como “Absinto”, “People’s”, entre outras. Rodrigo, 22 anos, estudante do 1º semestre de Publicidade e Propaganda, e Renata exemplificam:

No final de semana eu gosto de sair bastante. Vou no DCE. No Aldeia, vou muito pouco. Vou mais no DCE ou no Macondo. Eu gosto mais desses lugares mais alternativos. Boate em si, mais essas duas. Ou eu faço alguma coisa na casa de algum amigo meu.

(...) Tem as festinhas alternativas, que é no campinho e tal, que é da galera, e é legal. A gente pensa às vezes: vamos ao “Absinto” ou no lugar onde os guris [da Sálvia] vão tocar? A gente sempre prefere ir ao lugar onde os guris vão tocar (...).

Por meio das reflexões e argumentos apresentados, foram notados “modos de pensar” característicos e sob forte influência da faculdade cursada pelos jovens. Durante as explanações feitas acerca de momentos da história do *reggae*, ou mesmo em relatos sobre outras temáticas, foi inserida uma visão estreitamente ligada à área de conhecimento do curso, o que fica evidenciado em uma das explanações de Lúcio, 20 anos, acadêmico do 4º semestre de Jornalismo:

Eu acho que o Bob Marley teve um papel de suma importância, pois foi através dele que a música começou a ser veiculada em todos os meios de comunicação, principalmente porque em 1980, no auge da carreira dele, faziam apenas 10 anos que a TV colorida tinha chegado no Brasil, então quem diria na Jamaica. Foi a TV, não era nem a TV colorida ainda. Então foi por aí que ele começou a aparecer e se expandir para todo mundo e também, através do rádio.

Além da influência da faculdade, ficou claro que, tais “modos de pensar” também são reflexos do contexto em que os jovens estão inseridos. São exemplos: os amigos, o bairro em que residem e os valores passados pela família.

Este cenário influencia diretamente nas escolhas de consumo e na formação da identidade dos jovens, aliado à personalidade de cada indivíduo, conforme os depoimentos de Josué, 21 anos, acadêmico do 6º semestre de Design, e Rodrigo:

Tem outros ritmos que passam sentimentos, é óbvio que tem, mas seja o que for, são sentimentos diferentes. Eu acredito que isso tem muito da personalidade do “cara”. Eu me identifico com o reggae né “véio”! Eu me identifico por causa da criação que eu tive, do jeito que me ensinaram a ter as coisas. Eu acho que tudo isso influencia: os valores que o teu pai e a tua mãe te ensinam, o meio que tu vives, tua família. Por isso eu acho que tem que rolar a identificação com a tua personalidade, senão não vai fazer sentido aquilo. Assim como tem gente que curte outra coisa e o reggae não faz nenhum sentido. É com o que as pessoas se identificam, é cultural.

Eu acho que essa música se aproxima bastante da nossa realidade. Eu não sei, né “cara”? Eu estudo numa escola particular hoje, antes eu estudava numa pública e eu também moro na periferia da cidade, então eu me identifico tanto com o *reggae*, como com o rap também, entendeu? Eles são muito próximos justamente por tratar disso. O *reggae* eu acho que fala mais de paz, amor, tem mais conscientização (...)

Nesta pesquisa não foi confirmada uma influência direta dos meios de comunicação como mecanismo de iniciação de interesse de consumo da cultura *reggae*, por parte dos jovens, visto que os entrevistados, em sua maioria, começaram a escutar a música *reggae* quando tinham, em média, 13 anos de idade. Este fato é confirmado pela informação de que estes jovens tiveram acesso ao *reggae* através de CD’s, LP’s, fitas K7 e, também, por meio de shows, influência dos amigos ou de algum membro da família, conforme pode ser verificado na afirmação de Rafael, 21 anos, estudante do 8º semestre de Turismo:

Desde pequeno eu sempre gostei de *reggae*, mas de ir a fundo assim, foi com 14 anos quando eu fui para o Planeta Atlântida e tinha uma tenda chamada *Jamaica Bay*, que tinha só bandas de reggae e daí a gente ficou lá. Tinha “Natiruts”, “Canamaré” e outras. Foi aí que eu comecei a comprar bastante CD, principalmente das bandas de *reggae* gaúchas e a me informar mais sobre Bob Marley e a vida dele. Foi lá no Planeta Atlântida que eu comecei a ver: bá, o “bagulho” é massa!

Franklin, 28 anos, estudante do 1º semestre de Arquitetura e Urbanismo, ratifica a percepção acima quando coloca:

A primeira vez que escutei um *reggae*, eu devia ter uns 13 anos. Um amigo meu de Porto Alegre trouxe uns CD’s importados de *reggae* e *surf music* e gravou em uma fita K7 algumas músicas para mim. Foi mais por influência desse amigo meu que era surfista.

Ainda assim, pode-se dizer que os meios de comunicação são utilizados pelos jovens assiduamente e permitem, especificamente, um acesso à música reggae, caso do rádio e da internet. Meios de comunicação como o jornal, a revista e a televisão, são utilizados como forma de obter informação a respeito de assuntos diários e específicos das áreas de interesse dos entrevistados. A Internet é o meio de comunicação mais utilizado entre os universitários, tanto como instrumento de pesquisa para a faculdade, entretenimento ou como forma de obter informação. O rádio é o meio que teve mais divergência entre os entrevistados e ficou demonstrada fidelidade ao veículo por aqueles que o escutam. Já os jovens que não escutam rádio, criticam e/ou desaprovam este veículo.

Segundo Vinícius, 20 anos, estudante do 2º semestre de Letras - Inglês, “madrugada adentro, escuto rádio, sempre”. Renata reitera: “Adoro rádio, por mais que o rádio seja uma coisa em extinção pra muita gente, eu gosto muito de escutá-lo”. Rodrigo tem outra opinião. “Não sou de escutar muito rádio. Eu não gosto muito porque justamente no rádio tem muitos estilos musicais e nem tudo que toca eu gosto.”, explica o estudante. A opinião de Rodrigo é compartilhada por João Paulo, 23 anos, estudante do 4º semestre de Turismo, quando afirma: “Rádio é um negócio que eu não escuto cara. Sei lá, às vezes eu pego e me recuso escutar. Para mim o rádio é um meio de comunicação que eu não consigo absorver. Um “troço” do rádio assim sabe, não consigo absorver”.

A influência da música de Bob Marley como instrumento de iniciação ao interesse em conhecer a história e a cultura *reggae* em profundidade pode ser destacada. O músico foi considerado o maior expoente e símbolo do *reggae*, assim como o responsável pela difusão desta cultura pelo mundo. A maioria dos entrevistados admira a história de vida, a trajetória e a qualidade musical do artista, o que pode ser comprovado nos diversos CD’s, DVD’s, camisetas e bandeiras relacionados ao músico, adquiridos pelos jovens e por meio da colocação do estudante, Josué:

Pra mim o Bob Marley tem uma história muito forte O fato dele ter saído daquele contexto de pobreza e sem perspectiva, tudo o que os caras passavam, não tem explicação assim. Existem coisas maravilhosas que ele fez. Digamos que ele deu aquele “pontapéção” e botou a cara pra bater. Porque é um negócio muito verdadeiro e é verdadeiro não pelos caras sentarem e dizerem: Ah, vamos sentar hoje e fazer um *reggae*. Ele tem uma história muito forte por trás, tem uma ideologia muito forte do povo e de tudo que aconteceu [pausa], então isso aí tu não compra no mercado. Isso é uma carga que o povo traz e ele [Bob Marley] teve uma capacidade de sintetizar essa história, toda essa luta do povo, em música, e através desse estilo que é um estilo original. Por isso que ele deu o que falar, por que o cara fazia bem feito uma coisa verdadeira.

Além disso, pôde-se perceber que os universitários são dotados de um profundo conhecimento acerca da temática do *reggae*. Em relação à música, foram comentados e citados, tanto as primeiras bandas e músicos do estilo, como os artistas e conjuntos atuais. No que diz respeito ao surgimento do gênero musical e a realidade em que os jamaicanos estavam inseridos, também houve clareza e descrições detalhadas nas respostas, o que pode ser percebido pela fala de Vinícius:

O *reggae* foi uma dessas muitas músicas de protesto social, música essa saída das camadas mais pobres existentes na Jamaica. Coisa de gueto mesmo, uma forma que eles tinham de fugir daquela realidade e de protestar contra tudo o que tava presente ali. Então como semente teve toda essa questão de crítica social, mas com diversão. É como toda música que começa sem interesse e acaba se tornando uma grande máquina.

Os jovens reconhecem o contexto dos jamaicanos no surgimento do *reggae* e o intuito com que a música era produzida. Alguns têm uma visão ainda mais aprofundada da história que antecedeu esse surgimento, como os ritmos que levaram à formação do gênero musical, o que pode ser notado no apontamento de Lucio:

O *reggae* surgiu do *mento*; no período em que a Jamaica tinha um sistema de metrópole-colônia, eles eram colonizados pela Inglaterra, então o *mento* era um ritmo com bastantes instrumentos, assim como podia ser verificado no “Calipso” (que não é a banda daqui do Brasil). Depois surgiu o *Ska*, que deu mais valor para a parte vocal e para o baixo, mas tinha menos instrumentos. Nesse contexto eles já estavam independentes e não eram mais colônia da Inglaterra. Então a partir da evolução desses ritmos que surgiu o *reggae*.

Do mesmo modo, os jovens destacaram os problemas vigentes à sociedade brasileira atual, demonstrando conhecimento e apurado senso crítico sobre tais problemas, entre eles, o preconceito, que foi comentado por Rodrigo:

Se tu fores falar de preconceito, tu sabes que de certa forma, todo mundo age com algum preconceito em relação ao outro. Seja com o cara que guarda carro ali, ou com outra pessoa. O pobre age com preconceito contra o rico e o rico age com preconceito contra o pobre. Isso aí é clássico e sempre vai existir. Só que eu acho que a gente tem que lutar contra isso, sabe? (...) o preconceito vai existir sempre. A classe social que tu pertence, a tua cor, isso aí infelizmente ainda influencia muito. De repente tu pode estar bem apresentado, e então tu chega em alguns lugares e vão perguntar: Aonde tu mora? E quando tu falar o teu endereço vão te olhar de cara torta.

É interessante destacar que os problemas da atualidade, apresentados por boa parte dos entrevistados, são semelhantes às dificuldades que os jamaicanos tiveram na época do surgimento do *reggae*. Nota-se uma aproximação das questões sociais, que eram trazidas por

meio da música *reggae*, da realidade brasileira, o que pode ser confirmado pelo depoimento de Vinícius:

O *reggae* é uma música que traça diversas questões, que não se aplicam só a cultura negra, mas a qualquer cultura que se sinta de algum modo oprimida. Eu acho que o *reggae* se aplica completamente à nossa realidade. Essa questão de tu lutares pela tua liberdade, buscar a paz e a compreensão entre todos os povos. Essa coisa está presente no *reggae* e com certeza não se aplica a uma cultura específica, a um grupo ou a uma identidade, digamos assim.

Com o intuito de alcançar um melhor entendimento das percepções resultantes desta análise, se faz necessário colocar alguns apontamentos: em relação à cultura *reggae*, os jovens entrevistados têm acesso primeiramente à música, que é inserida por meio de amigos, familiares ou, ainda, por meio de shows musicais. Neste contexto, a figura do músico Bob Marley também passa a ser consumida. Este fato influencia no aumento do interesse sobre o estilo musical *reggae*. Nota-se, então, que através da identificação com a música, surgem outras questões que serão colocadas a seguir. Ficou evidenciado, por exemplo, que a partir do consumo da música, os produtos conectados à cultura *reggae* começam a ser adquiridos, como roupas, acessórios, CD's, entre outros.

As pessoas às vezes não escutam *reggae*, mas acabam se identificando com o Bob Marley, dali a pouco se identificam com as idéias dele, depois com o próprio *reggae*. Começam a curtir uns sons, depois começam a procurar mais, a comprar roupas variadas com as cores do *reggae*, a fazer *dread*, a comprar CDs e assim vai, mais e mais. (Vinícius)

Eu tenho livros, revistas, artigos, bandeiras, quadros, camisetas, bonequinhos de gesso, manta, toca. CD tenho quase todos originais do Bob Marley que dá uns 12. Tenho o CDs do Peter Tosh, Canamaré, Maskavo, Chimarruts tenho todos. Tenho alguns que tem várias bandas juntas, tenho Adão Negro, Natiruts, Planta e Raiz. DVD tenho o One Love, o Legend, do Ziguy Marley, o Tributo do Gilberto Gil e Planta e Raiz. Mais ou menos isso (Rafael).

Leonardo também afirma ter diversos produtos relacionados à cultura *reggae*. “Eu tenho toca reggueira, tenho duas bandeiras, três camisas, uma calça, pulseira, colar, lençol, bastante CDs, tenho 150 mp3 do Bob Marley e tenho DVD's”, exemplifica.

Ao mesmo tempo em que ocorre essa assimilação do *reggae*, alguns elementos são consumidos e influenciam diretamente na identidade dos universitários, conforme pode ser visto no modo de pensar, vestir, expressar, enfrentar os problemas cotidianos, entre outros. Além do mais, o *reggae* não somente é consumido pelos jovens, mas também está presente nas práticas diárias dos entrevistados. Esses apontamentos podem ser entendidos nos depoimentos abaixo:

Ele influencia no meu jeito de ser, no meu jeito de pensar. E até no meu jeito de vestir, mas, nem tanto quanto no jeito de ser e de pensar. Não adianta também tu se “bordar” todo de verde, amarelo e vermelho, mas não saber nada. (Rodrigo)

Pelo *reggae* passar e ter uma filosofia mais natural, mais tranqüila, isso aí influenciou a mim. Quem me conhece, sabe, eu não sou um cara estourado, sou um cara mais tranqüilo. Não fico quebrando a cabeça porque aconteceu tal problema e dizendo: Ah! Porque agora o que eu vou fazer? O que eu vou fazer? Na verdade o meu dia-a-dia se tornou mais tranqüilo sim, por causa disso também. (João Paulo)

O *reggae* me influencia. Eu nunca fui um cara estressado, sempre fui calmo e assim, músicas mais pesadas acabam não me agradando, né? Às vezes eu quero estudar numa calma, ler um livro, uma coisa assim, então um *heavy metal* não é a melhor coisa pra isso. Eu consigo apreciar o *reggae* melhor do que outros estilos musicais. E isso tem a ver com a minha personalidade e o modo como eu sou. (Vinícius)

Ficou demonstrado também, que posteriormente ao reconhecimento e identificação, principalmente no que diz respeito ao ritmo e à mensagem passada nas letras das músicas, em certos casos, há uma “apropriação ideológica” da cultura. Tanto dos valores que os jamaicanos buscavam conquistar, como também a questão da crítica à sociedade que era reproduzida através da música, de acordo com Rodrigo:

O *reggae* me influencia em eu respeitar mais o próximo, em me desprender dos preconceitos. Olha, eu não posso te dizer que não tenho meus preconceitos, mas eu sou um cara que luto contra eles (...) E eu acho que, na minha vida, eu trago bastante essa mensagem da música *reggae*, de tentar fazer a diferença, de tentar aplicar o que eles lutaram, os valores que eles trouxeram através da música e aplicar isso no meu dia-a-dia.

Da mesma forma, há uma semelhança nos intuitos de consumo por parte de alguns jovens entrevistados, em relação a determinados elementos do *reggae*, consumidos pelos jamaicanos, na medida em que foram observadas exposições profundas em torno do significado e do consumo de certos elementos. A maconha, por exemplo, é utilizada por alguns jamaicanos como forma de reflexão e limpeza da alma. Tal finalidade é semelhante ao intuito de consumo de Leonardo, estudante do 4º semestre de Publicidade e Propaganda, quando afirma:

Em primeiro lugar, a gente vive num estado, numa sociedade que desde que a gente nasce ela já nos reprime. Nós somos seres reprimidos e muitos seres humanos se identificam com a maconha como uma forma de desbloquear os caminhos do nosso cérebro que foram reprimidos pela sociedade desde o seu princípio. Então, após esse desbloqueio a gente pode ver outros sentidos e valores da vida, que com o tempo acabaram sendo esquecidos, como a paz, a humildade, os valores da natureza, que muitas pessoas só conseguem enxergar após o uso da maconha, pois daí elas saem do seu modo normal de vida e começam a ver o mundo com outros

olhos. Após esse uso os caminhos são quebrados e as portas se abrem. Não quer dizer que tu vai ter que estar sempre usando pra ti poder enxergar o mundo dessa maneira, mas após esse rompimento, já se torna uma etapa muito importante, pois daí tu já quebrou uma barreira e consegue enxergar o mundo com os olhos que o ser humano desde o princípio devia estar enxergando.

A maconha foi considerada um elemento da cultura *reggae* pela maior parte dos entrevistados, mas gerou respostas distintas, sendo que algumas pessoas não associam a maconha ao *reggae* e também não a consomem. Uma outra parte dos entrevistados associa a maconha diretamente ao *reggae* e, dentre esses, alguns admitiram utilizá-la como forma de relaxamento e reflexão. Vinícius acredita que “Tu não precisa ter nenhum contato com a maconha, por exemplo, para ter aquela sensação de calma que o *reggae* te traz”. Rodrigo reafirma: “(...) nem todo mundo que escuta *reggae* é maconheiro, mas faz parte digamos.”. Renata e Rodrigo explicam suas opiniões:

Eu não fumo, entendeu? Mas eu acho que é muito associado, sabe? Fica meio fora do contexto, e é uma coisa que gera um preconceito. Fica fora do contexto da cultura deles [*rastafaris*], porque eles usavam por outros motivos. A gente tem preconceito em relação a isso pelo fato de associar. O *reggae* pra eles é um estilo de vida. Como é que tu vai associar a maconha ao *reggae*? Da mesma forma tu podes associar a maconha ao *Rap* ou ao *hip hop*, entendeu? Então, tu vais associar a tudo que é estilo.

Eu assim, [pausa] eu fumo [maconha], admito isso, sou a favor da descriminalização das drogas em geral, não só da maconha. Eu penso que o preconceito está na cabeça das pessoas. E tu proibir aumenta não só a vontade de tu usares, como o preconceito que gera em torno disso, a violência o tráfico e tudo mais.

Ainda em relação aos elementos da cultura *reggae*, notou-se que as cores (verde, amarelo e vermelho) e os *dreadlocks* foram os elementos mais citados entre os entrevistados. Os aspectos ligados especificamente à música também foram ressaltados, como a “batida”, o modo de dançar e a percussão. A liberdade, a humildade, a igualdade, entre outros valores, foram associados à cultura *reggae*, o que pode-se observar na citação de Josué:

Eu acho que o principal elemento do *reggae* é o sentimento. Essa é a base. Eu acho que essa é a essência mesmo. Está acima de qualquer coisa. Na real, eu acho que o *reggae* em si é um canal. O *reggae* existe para passar uma coisa maior que é o *feeling*, o sentimento. Eu acho que essa é a grande verdade. O *reggae* é um canal que vai te levar até isso, pra ti absorver isso. Eu acho que isso aí é a força maior.

Assim como na explanação de Josué, de maneira geral, ficou evidente que o consumo da cultura *reggae* suscita entre os jovens o sentimento de esperança em diversos níveis, tanto no que diz respeito às questões sociais, como também acerca das ações que os seres humanos devem praticar em relação ao mundo em que vivem, como reitera Leonardo.

Se o ser humano fosse consciente que ele não pode matar, que ele não pode jogar lixo no chão, o mundo em si, seria muito mais consciente e é isso que o *reggae* traz. Ele tenta conscientizar o ser humano, em primeiro lugar. O *reggae* é um incentivo para as pessoas acreditarem que um mundo melhor existe, porque hoje em dia ninguém mais acredita nisso, que o mundo pode melhorar, que a gente pode ajudar uma pessoa com um gesto.

Nesse contexto, foi detectada uma acentuada identificação em relação a alguns valores e temáticas, como: humildade, simplicidade, persistência, luta por direitos iguais, cuidado com a natureza, reflexão sobre a sociedade, busca por igualdade social e paz universal, o que pode ser percebido na fala de Franklin.

Então eu acho que o *reggae* tem essa humildade, essa simplicidade, sabe? Tem amigos meus que o sonho deles é ter uma prancha, morar numa casinha na praia e viver tranquilo. Não precisa mais do que isso sabe. Tem gente que tem que ter um baita carro, um baita apartamento e se não gastar fortunas em festas, não vale a pena. Então quem gosta de *reggae* está mostrando que não é preciso ter tudo do bom e do melhor e gastar fortunas para encontrar a felicidade.

O consumo da cultura *reggae* desperta, nos jovens entrevistados, o sentimento e a vontade de dar sentido àquilo que eles acreditam ser correto, tanto nas atitudes praticadas no cotidiano como em relação ao convívio em sociedade. De acordo com Franklin, “Se todo mundo é ser humano, todo mundo tem capacidade e o *reggae* veio pra unificar, acabar com as diferenças”. As declarações de Rafael e Leonardo também ilustram o que foi ponderado.

A idéia que o *reggae* passa é de que todo mundo é igual a todo mundo. Não tem discriminação de credo, cor ou classe social. Tu podes ser branco, preto, amarelo ou vermelho, mas tu vai ter os mesmos sentimentos, os mesmos problemas, as mesmas experiências na vida, que qualquer pessoa vai ter. Tu vais crescer muito mais se tu puderes saber se comunicar com o outro e entender o que se passa com o outro, para poder entender a si mesmo.

Me identifico com a forma de pensar, de ver que as coisas estão erradas e que podem melhorar, de não abaixar a cabeça e não desistir de lutar nunca sabe. Se a gente acha que uma coisa é certa, tem que lutar pra isso né? Mostrar que nem tudo está perdido. Eu me identifico com a mensagem e com a atitude que é passada, sabe?

O consumo da cultura *reggae* revela aspectos intrínsecos à vivência dos jovens entrevistados. Foi notado, a partir dos depoimentos, que o conhecimento e reflexão, provém da cultura *reggae*.

Passa o tempo e aquilo [o *reggae*] começa a fazer uma diferença na tua vida. De tanto que tu ouves, escutas e te identificas, aquilo já vai fazendo parte de ti, vai te desenvolvendo e contribuindo para ti ser uma pessoa mais calma e mais tranquila.

O *reggae* te relaxa, te deixa calmo, por que é um som trabalhado e com diversos elementos. (Rafael)

João Paulo reitera: “O *reggae* é utilizado como uma forma de relaxamento, de uma concentração” e Josué confirma: “O *reggae* traz, para mim, auto-satisfação, bem estar. Eu escuto vários tipos de música, mas o *reggae* é o que eu mais me identifico”.

No entanto, alguns entrevistados consideram a “causa” e a mensagem passada pelo *reggae* como algo distante da realidade em que eles vivem e, da sociedade como um todo, sendo o *reggae* uma forma de fugir dessa realidade. Igualmente, o *reggae* torna-se um modelo “ideal” de sociedade, sem problemas sociais e paz entre as pessoas. Porém, para estes jovens, esta realidade não passaria de uma utopia.

A maioria dos universitários entrevistados consome e se identifica com o “sistema de idéias” que envolve a cultura *reggae*. Isto acontece na medida em que o consumo influencia, de modo incisivo, nas características pessoais dos jovens e não tanto no “estilo”, ou seja, o modo como eles se vestem. Esta afirmação vem ao encontro do pensamento de Josué:

Eu curto muito o *reggae*, de verdade, mas olha o jeito que eu estou vestido, não tem nada a ver, “tá ligado”? Olha essas roupas que eu estou, de surfista, sei lá o que é isso aqui. Não tem nada a ver. Então tipo, eu gosto pra “caramba”, mas tu achares alguém que seja mais ainda incorporado ao movimento, sei lá... Acho que só os “hippies” do calçadão (risos). Eu quero dizer que *reggae* é um “bagulho” que transcende qualquer outro tipo de ritmo ou mesmo de estilo, porque tem esse “lance” do sentimento. Tu podes escutar qualquer música mais calma ou mais agitada que passe um outro tipo de sentimento, mas o *reggae* é o ritmo que mais vem de dentro, que mais te prende. Se tu fores ver, naquela época, os caras eram oprimidos pra “caramba”, não tinham grana, era tudo contra eles. Eles tinham tudo pra dar errado e não “vingar”. É aquele negócio, quando tu fazes de verdade alguma coisa, o reconhecimento vem, por mais que tu não queiras.

Ainda em relação ao consumo da cultura *reggae*, em alguns casos, foi criticado o modo como a maioria das pessoas, absorve esta cultura, sendo tachados, pelos entrevistados, como uma espécie de “consumidor superficial”, ou seja, que só têm interesse pelo *reggae* porque é o modismo atual. Segundo Rafael e João Paulo,

A galera gosta e sempre falam: bá bota um *reggae*, bota um *reggae*, bota um *reggae* aí! Só que muitos nem sabem o que as letras das músicas querem passar. Nunca ninguém se prestou e parou pra pensar para ver o que o Bob Marley tava querendo passar nas músicas dele. As pessoas vão mais pelo ritmo e daí dizem que curtem e que fumam [maconha] e bá!... Criam uma identidade que muitos querem ter, mas não têm.

Muitos gostam porque ah é uma musiquinha legal. E tu vês muito assim: ah eu gosto de *reggae* porque eu gosto de Bob Marley, sabe. O *reggae* é o Bob Marley. Pra mim não é bem por aí.

Isso pode ser justificado pelo fato da maior parte dos entrevistados se interessar e conhecer a história do gênero musical e o contexto do mesmo, comentando ter forte identificação com a mensagem passada pela cultura *reggae*. Alguns jovens também relataram que associam e têm maior identificação com o “*reggae* de raiz”, que tem a característica de ser uma música mais trabalhada, feita com uma variedade de instrumentos. Os entrevistados atribuem, ainda, ao “*reggae* de raiz” a transmissão de mensagens com conteúdo que possibilite a conscientização a partir da reflexão sobre as questões da existência humana. Rafael explica o conceito de “*reggae* de raiz”:

Uma música bem trabalhada, com bastantes instrumentos, como teclado, trompete, flauta, baixo e bateria juntos, em harmonia, e, comandando, a guitarra mais solo. E, principalmente, a música mais politizada, tentando passar uma mensagem, alguma coisa que entre na mente das pessoas, que faça elas refletirem sobre diversas coisas: de onde elas vieram, o que elas são, o que estão fazendo aqui, o que elas podem ser, o que elas têm para contribuir, abrir horizontes.

Os entrevistados confirmaram, ainda, o consumo da cultura *reggae* junto aos amigos e em situações em que estão sozinhos, como João Paulo e Leonardo.

A gurizada que gosta de *reggae* e que anda comigo, curte se reunir, botar um som no rádio e escutar um *reggae* a noite inteira, fazer um churrasco, tomando uma cerveja.

Dos meus amigos a maioria escuta *reggae*, é adepta da cultura e da ideologia. Dos meus colegas não tem muito. Escuto mais em casa, é um som para ti ouvir mais em casa, pra dar uma relaxada, ficar tranquilo, fumando uma erva [maconha].

O contexto do *reggae* em Santa Maria também foi discutido com os entrevistados. A maioria dos jovens afirmou não haver uma “cena *reggae*” em Santa Maria, mesmo admitindo conhecer muitas pessoas e terem amigos que gostam deste gênero musical. Sobre a ausência desta “cena *reggae*” na cidade, foram levantados alguns motivos, como a escassez de bandas de *reggae* na cidade, a falta de incentivo das casas noturnas, o costume destes locais em não priorizar a qualidade musical e somente o lucro, e a diversidade cultural da cidade. Este último ponto foi citado por João Paulo:

Hoje está tudo mais globalizado e eu acho complicada essa questão cultural, de tribos, porque é muita informação, é muita cultura de fora aqui na cidade, muita gente de fora, muito pensamento diferente e eles não fixam alguma coisa. Eu não consigo ver nada ancorado aqui em Santa Maria, sabe? Pra mim é um negócio que vai vir, vai influenciar em alguma coisa e em seguida vai embora, bem instável.

Outra questão levantada diz respeito à música *reggae* da atualidade, produzida pelas novas bandas, que foram criticadas e tachadas de comerciais em alguns depoimentos, não tendo a aprovação dos entrevistados. Esses jovens também comentaram que os temas das músicas feitas atualmente falam mais de amor a uma pessoa ou mesmo à natureza, sem ter uma crítica social como antigamente. Esse fato é demonstrado nas opiniões apresentadas pelos jovens. Vinícius afirma: “Hoje em dia o *reggae* está mais para uma coisa de diversão, uma musiquinha para uma praia e coisa assim, mas eu prefiro mais a crítica social.”. Josué e Rodrigo concordam com Vinícius:

Se tu fores direto na fonte, assim por exemplo: o filho do cara [Ziggy Marley], que faz o estilo, já é mais comercial. Porque não adianta, a mídia é muito forte, dita muita tendência e tem o ‘lance da grana’ por trás, das gravadoras.

Acho que o *reggae* em si tem que falar sobre opressão, sobre o preconceito. Acho que tem que pregar uma música de alegria, que traz alegria, mas eu acho que está menos politizado. Acho que eles querem trazer mais letrinha sobre amor e namoro e tal, do que propriamente ir lá e lutar por uma causa justa. Nosso país tem tantas causas pra lutar, tem tanta pobreza e violência, e eu acho que o *reggae* e as pessoas estão fugindo um pouco disso.

Com base nas questões trazidas na presente Pesquisa, ficou evidenciado que o consumo da cultura *reggae* entre os universitários entrevistados, influencia na formação das suas identidades. Na maior parte dos casos, essa influência é bastante acentuada, na medida em que esses jovens utilizam essa cultura como meio de auto-conhecimento e reflexão sobre as suas vidas e os problemas que enfrentam no cotidiano, acerca da existência humana, entre outros. Os entrevistados se identificam, principalmente com o “conjunto de idéias” da cultura *reggae* e geralmente possuem diversos artefatos físicos que se ligam à cultura, como CD’s, DVD’s, roupas, acessórios, lençóis, quadros, revistas, livros, entre outros.

No entanto, os jovens não demonstraram ter uma preocupação em afirmar que gostam e/ou se identificam com a cultura *reggae*. A “aparência”, os aspectos externos à personalidade, como o modo de vestir da maior parte dos entrevistados, não apontou que havia identificação e consumo da cultura *reggae*.

De maneira geral, foi notada uma heterogeneidade nas respostas obtidas. Contudo, houve uma semelhança em relação às motivações dos jovens entrevistados em se identificarem e consumirem a cultura *reggae*.

Pode-se afirmar que a busca pela razão e, também pelas maneiras as quais os jovens se identificam e consomem esta cultura, permite reconhecer profundamente não somente as

questões propostas nesse Trabalho, mas também as práticas do âmbito de vivência destes jovens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

No referencial bibliográfico deste Trabalho, o termo cultura foi considerado como uma prática social que faz parte da vivência dos indivíduos, bem como, das suas relações sociais. Essa afirmação pode ser confirmada na presente Pesquisa, na medida em que a maior parte dos jovens insere o conjunto de valores e idéias transmitidos na cultura *reggae* às atividades cotidianas. Além disso, são atribuídos a esse conjunto, significados que melhor se adaptam à realidade em que vivem esses jovens.

De acordo com o que foi desenvolvido na parte teórica, acerca da temática consumo, mais especificamente sobre o consumo da cultura, ficou evidenciado que esta prática ocorre como um processo sociocultural, que reflete diretamente às “constelações de gosto” e estilo de vida dos indivíduos, sendo decorrência das características pessoais de cada um. O consumo feito pelos jovens entrevistados materializa por meio da aquisição de produtos, o interesse e importância dada à cultura *reggae*.

Esse processo implica diretamente na formação da identidade destes jovens, pois representa aquilo que são enquanto indivíduos, reforçando suas preferências musicais, características psicológicas e a relação existente entre o conjunto desses e de outros elementos, que norteiam a escolha dos universitários sob a realidade em que estão inseridos.

Portanto, pode-se dizer que a Pesquisa desenvolvida, que conecta as temáticas sobre consumo cultural e identidade, torna-se uma prática eficiente para identificar e responder aos questionamentos propostos neste Trabalho, assim como, diversas indagações que ainda buscam ser respondidas dentro campo da Comunicação Social, e especificamente, no campo da Publicidade e Propaganda.

4. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARAÚJO, Elaine Peixoto. **O reggae ludovicense: uma leitura do seu sistema léxico-semântico**. Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos - Ano 10, nº 28, 2004.

BARBERO, Jesus-Martín. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil , 2002

BRANDÃO, Antonio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos culturais de juventude**. São Paulo, SP : Moderna , 2004.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora. da UFRJ, 2001.

CARDOSO, Marco Antonio (ORG.). **A magia do reggae**. São Paulo: Martin Clarett, 1997.

DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade**. In DUARTE, Jorge (ORG); BARROS, Antonio. Métodos e técnicas de pesquisa. São Paulo: Editora Atlas, 2005.

FEATHERSTONE, Mike. **O desmanche da cultura**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOIDANICH, Maria Elisabeth. **Consumo e Cidadania: a Publicidade e a Identidade dos Adolescentes**. Florianópolis, 2002. Disponível em: <http://www.comunic.ufsc.br/teses/dissertbeth.pdf>. Acesso em: 30 set 2006.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro, RJ: DP & A, 2001.

YUKIKO, Márcia. **Estudo de caso**. In DUARTE, Jorge (ORG); BARROS, Antonio. Métodos e técnicas de pesquisa. São Paulo: Editora Atlas, 2005.

JOHNSON, Linton Kwese. **Bob Marley o artista do século**. Disponível em: <http://paginas.terra.com.br/arte/massiverreggae/bobsecXX.htm>. Acesso em: 17 set 2006.

KOTLER, Philip. **Administração de marketing: análise, planejamento, implementação e controle**. São Paulo, SP: Atlas, 1998.

MCGARRITY, Gayle. **Bob Marley: o artista do século**. Disponível em: <http://paginas.terra.com.br/arte/massivereggae/bobsecXX.htm>. Acesso em: 2 de agosto de 2006.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento científico: Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec & Abrasco, 1993.

SILVA, Tomaz Tadeu da (ORG); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathyn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____, Tomaz Tadeu da (ORG), JOHNSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina; SHULMAN, Norma;. **O que é Afinal Estudos culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

STUMPF, C. Ida Regina. **Como realizar a pesquisa bibliográfica**. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (ORG). Métodos e técnicas de pesquisa. São Paulo: Editora Atlas, 2005.

RONSINI, Veneza Mayora et al. **Estilo heavy metal e identidades juvenis na contemporaneidade**. In: cadernos de comunicação / Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Ciências Sórias e Humanas. Faculdade de Comunicação Social. n. 10. Santa Maria: NedMídia, 2004.

STEFENS, Roger. **Bob Marley o artista do século**. Disponível em: <http://paginas.terra.com.br/arte/massivereggae/bobsecXX.htm>. Acesso em: 22 de maio de 2006.

ANEXO – Pré-roteiro de Entrevista

1. Como é a sua rotina diária?
2. Quais os meios de comunicação você assiste?
3. Com que idade você começou a se interessar e a gostar de reggae?
4. Para você, qual é o maior símbolo do reggae?
5. Qual o maior nome do reggae?
6. Na tua opinião, qual a importância que o Bob Marley teve dentro do reggae? E na difusão da cultura reggae? Do rastafarianismo?
7. Você possui produtos relacionados ao reggae? Quais?
8. Que elementos você associa ao reggae?
9. Você associa a maconha ao reggae?
10. Com que elementos da cultura reggae você se identifica?
11. Como o reggae e os seus elementos culturais o (a) influencia dentro da realidade em que você vive? Com que objetivo ele é utilizado?
12. O fato de você gostar de reggae influencia na tua personalidade?
13. O que o reggae representa (significa) para você?
14. O reggae o (a) influencia no seu jeito de ser?
15. O reggae foi utilizado, inicialmente, como uma forma pacífica de expressar a indignação dos jamaicanos em relação à opressão sofrida em seu país.
16. Você percebe o reggae como uma forma de expressão? Do quê?
17. Atualmente, qual o motivo das pessoas se identificarem com o reggae?
18. Em relação às pessoas que são do grupo em que você convive, o reggae é escutado? Que elementos da cultura reggae são utilizados? Em que situações?
19. Existe um cenário do reggae em Santa Maria? Onde?
20. Quais bandas e/ou músicos de reggae você escuta?

DADOS PESSOAIS:

Nome:

Idade:

Curso:

Semestre: